AVEIRO, 28 DE DEZEMBRO DE 1968 * ANO XV * N.º 738

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo * Administrador Alfredo da Costa Santos * Proprietários — David Cristo e Francisco Santos * Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telefone 23886 — AVEIRO

TEATRO NECESSÁRIO e NECESSIDADE de TEATRO

JOSÉ JÚLIO FINO

> O público é, e será sempre, um factor importante e decisivo na sobrevivência de qualquer actividade.

6 O teatro (sério) luta com falta de gente a apoiá-lo (ou a verificá-lo!) nas salas de espectáculos. As pessoas tardam em encarar a arte de representar como um veículo útil e cultural, para além da sua cota parte como diversão (Brecht dizia que «O teatro não deixa de ser teatro, mesmo quando é didáctico e, desde que seja bom teatro, diverte»).

É precisamente aqui, neste ponto nevrálgico (teatro-diversão) que o problema (grave) se levanta, demolidor: Não se pode — nem deve — confundir diversão apoiada em arte pura e séria, em realizações sólidas e honestas, com o passatempo ôco e ocioso. Este, para além de criar no espírito do público o conceito errado de que o teatro é apenas para «descansar o intelecto», conduz as pessoas para um divertimento falso, que se destina única e exclusivamente a queimar o tempo sem deixar, ao menos, cinzas... para soprar. Há infelizmente muitos exemplos destes e, precisamente por ser fácil e mais «divertido», o público adere ràpidamente, sem hesitações, enche as casas e... as bilheteiras. No caso particular do teatro amador, o dedicar-se a este género e estilo de espectáculos constitui, para além de muitas outras coisas más, à negação absoluta dos princípios válidos que devem encaminhar sempre qualquer grupo na sua função teatral.

O público — como se deduz fàcilmente, eu refiro-me sempre à generalidade — é cruelmente fiel e obstinado quando se apaixona por qualquer actividade. No entanto, e para melhor ilustrar o que penso a este respeito, vou transcrever algumas frases (dispersas e desligadas entre si), exemplos verdadeiros que me servirão para estabelecer uma comparação contrastante entre superficialidade e consciência: «Não vou ao teatro — embora aprecie (?) — porque as cadeiras são muito rijas, desconfortáveis e, por vezes, estreitas. Por isso não vou perder importância e ao mesmo tempo o conforto e bem estar da minha casa e a comodidade da minha poltrona favorita». Não é a primeira vez que, debaixo de tempo inclemente e nada convidativo, mal instalados e sujeitos a aborrecimentos de toda a ordem, se vão encontrar pessoas que afinam pelo mesmo diapasão a respeito do teatro, e, no entanto, não se privam de assistir a outro género de espectáculos (o seu género, claro). Nestas circunstâncias, sim, talvez a visão consoladora da poltrona e das pantufas tivesse mais cabimento e a recordação gulosa da sala de estar confortável viesse mais a propósito. Mas, adiante. Note-se que não quero com isto censurar ou

Continua na página três

INVALIDEZ

Palavra a redimir pelo trabalho

QUANDO deu posse aos directores do Serviço de Reabilitação Profissional, o Ministro das Corporações teve oportunidade de frizar quanto aquele novo departamento poderá contribuir para a economia nacional, pela utilização de elementos que, por diminuição, eram anteriormente considerados carga das obrigações de assistência.

Lembrou o Prof. Gonçalves de Proença que, em 1957, os Estados Unidos tiveram um exemplo marcante no valor do trabalho dos inválidos recuperados: «Naquele ano foram reabilitados 70 940 diminuídos; cerca de 14 000 (um em cada cinco) eram subsidiados pela assistência pública e custavam aos contribuintes a soma de doze milhões de dólares por ano; completada a sua reabilitação, passaram a ser membros produtivos da sociedade, e a estimativa dos seus ganhos, no primeiro ano após a reabilitação, foi de vinte e cinco milhões».

Este problema da readaptação assumiu, em todo o mundo, dimensões muito expressivas a partir da segunda guerra mun-

Continua na última página

Cada cabeça... sua sentença

COORDENAÇÃO DE JORGE SARABANDO MOREIRA

QUE ENTENDE POR DIÁLOGO? QUAL SERÁ A SUA FORMA MAIS URGENTE?

FALAR de diálogo não é dialogar. Mas antes de abordarmos os problemas concretos que nos competem, como intervenientes activos na sociedade em que vivemos, há que definir uma posição comum perante eles. O que distingue o homem é a existência prévia na consciência dos objectivos do seu trabalho. Trabalho é transformação. E quando «o homem transforma a natureza transforma-se a si próprio». Donde, o pensamento vivo decorre da acção, não a supõe.

Posto isto, o que vemos? Que o diálogo é palavra de redenção e esperança, e condição prévia de progresso e justiça. E que subexiste nos nossos actos e intenções. Sendo assim, por que não havemos de romper as costuras do hábito, as malhas da teia, a gordura do pasmo, e trazê-lo à luz do dia?

UM MEDICO

Mais importante que definir o diálogo é fazê-lo. Ele é sem-

> «A esperança não existe. Existe a nossa vontade de esperança. Existimos nós. É isso. Nós somos a esperança.»
>
> ISABEL DA NÓBREGA

pre empenhamento, mesmo que no imediato não pareça. A palavra é procuradora entre o cérebro e os membros. E tanto pode levar estes à acção errada como à acção correcta. E pelo diálogo (de cada um consigo mesmo ou de cada um com os outros) que a escolha se faz, reduzindo a margem de erro. O diálogo é, assim, o próprio critério de verdade, uma vez que é ele que conduz à prática (à praxis) e recolhe dela a lição. Sendo este o sentido genérico de diálogo, ele aparece, em nossos dias, com um outro (mais peculiar) que é apenas um caso particular do primeiro, ou uma aplicação teórico-ideológica às realidades do mundo de hoje. E é o de pôr em confronto, a uma mesa-redonda, concepções heterólogas da vida e da sociedade que, de outro modo, poderiam entrar (ou já entraram, noutro lugar do espaço-tempo) em conflito. Neste sentido deve o diálogo é a profilaxia da conferência de paz. Ou a dissuasão da guerra.

Importa isso cedência de qualquer das partes? De modo nenhum. Não se trata de fazer eclectismo ou, sequer, de elaborar plataformas, mas de descobrir, pela análise científica, o real-comum que as ideologias (óculos escuros da razão) embaciam ou ocultam. O resto vem por acréscimo, se a honestidade é partilhada. Não digo, pois: aqui acaba o diálogo e começa a acção. Esta é teoria e prática simultâneas, ou, melhor, interdependentes. Se ligo o telefone e ele faz *túúú-túúú-túúú*, já sei que vale a pena esperar; se apenas oiço *tú-tú-tú*, descubro logo que não. O diálogo é meditação: é *túúú-túúú-túúú* que leva sempre a algures. Por isso repito: mais importante que definir o diálogo é fazê-lo: é *praticá-lo*! (Sublinhei a palavra uma vez, mas o meu gosto seria *fazê-lo* cem).

UM ESCRITOR DO TEMPO VAGO

Diálogo é *primo di tutto*, comunicação. E discussão. A palavra e a outiva serão os seus elementos imprescindíveis. Surdos-mudos não podem dialogar. Poderão, quando muito, transmitir-se ideias primaríssimas, num código de gestos de todo limitado para a sequente e necessária discussão. A vista será também um elemento-chave para a intervenção dialogal. Assim é que a palavra dê salvo-conduto para expressar qualquer sensação deste modo captada.

Continua na página três

— ESTE ANO FOI O QUE SE PÔDE ARRANJAR, ZÉ!

A POPULAÇÃO DE AVEIRO

AMADEU DE SOUSA

EM «Empirismo e Consciência Regional», inserto neste semanário no passado dia 14, na continuidade de uma série de valiosos artigos que, sob o mesmo título, vem escrevendo o muito ilustre homem de letras Dr. Mário Sacramento, lemos a determinada altura: — «Se consultarmos o censo de 1960 (o último em data), veremos que Aveiro figura com 15 699 habitantes-residentes, enquanto Braga apresenta 40 460». E, mais adiante, acrescenta: — «Mas o mais significativo é isto: Espinho e S. João da Madeira, concelhos industriais por excelência, não só atingiram valores populacionais que os classificam como centros urbanos (o que é excelente), mas alcançam números que se aproximam dos de Aveiro: 13 503 e 11 921. Refiro-me a 1960, como já foi dito».

Ora, sem duvidarmos um só momento da veracidade dos números transcritos pelo Dr. Mário Sacramento, julgamos, contudo, na parte que se refere a Aveiro, não traduzirem fielmente a população autêntica da cidade. E julgamos não traduzirem, por admitirmos apenas respeitarem ao burgo milenário, isto é, à parte da cidade algemada pelo caminho de ferro. É que, apesar do muito pouco que ultimamente se tem feito, a cidade cresceu, alastrou, saltando aquelas barreiras que desde há muito se consideravam as suas portas. Uma população operosa, computa-

Continua na página três

PAVILHÃO para quando?

APONTAMENTO DE EDUARDO DIAS PEREIRA

No penúltimo sábado, realizaram-se dois jogos de basquetebol, aguardados com muito interesse pelos aficionados dessa bela modalidade, dada a posição das equipas intervenientes, na respectiva tabela classificativa. No Rinque do Parque, jogavam o Galitos e o Illiabum; em Esgueira, o clube local e o Sangalhos. Dividiam-se as opiniões sobre qual dos jogos prometia mais emoção, ou atingiria maior nível técnico. Faziam-se vaticínios sobre os resultados.

Desejava-se estar presente nos dois. Enfim, dentro da mediocricidade da actividade desportiva citadina, a coisa prometia e despertava interesse.

Aconteceu, porém, que o sábado chegou invernoso. Durante todo o dia, choveu a bom chover. Bátegas fortes caíram sobre a cidade, como a querer esfriar o ânimo dos entusiastas. À noite, umas ligeiras abertas, lá conseguiram convencer alguns, os mais afoitos, os mais doentes. Também fomos.

Que tristeza! No Rinque do Parque, a assistência era quase toda constituída por atletas do Clube dos Galitos, alguns dos habituais torcedores locais mais uns poucos acompanhantes do clube visitante. Uma receita que poderia ter sido compensadora, atendendo à importância do jogo, não chegou para fazer cantar um cego!...

Desta vez, também lá estavam os árbitros e cronometristas, bem como a Polícia, por causa das coisas. Temos dúvidas se o apuro das entradas cobriu as despesas do policiamento. Bem, mas isso é lá com os clubes, e eles que se arranjem, ou não será?

Quando o jogo se ia iniciar, começa a chover. Era só o que faltava. Toca de abrir o guarda-chuva e aguentar a pé firme, enquanto dentro do rectângulo, os jogadores, sem guarda-chuvas obravam prodígios de equilíbrio para não fazerem mossas no cimento com algum osso mais saliente.

Basquetebol com baixo nível técnico, enorme esforço dispendido pelos atletas e uma grande estopada para os árbitros.

Dos assistentes não se fala, porque ninguém os lá chamou. Que se aguentassem!...

E aguentaram-se, pois então! Volta-meia-volta, mais uns pinguitos e toca de dar uso ao guarda-chuva, mas arredar pé é que não, que o jogo, mal jogado tecnicamente, era rico em emoção, pelas constantes oscilações do marcador e compensava o sacrifício e o risco de forte constipação.

Por fim tudo acabou. A contento de uns e a descontento de

Continua na página nove

Xadrez de Notícias

Na segunda jornada do Campeonato Distrital de Andebol de Sete, apuraram-se estes resultados :

ESPINHO — BEIRA-MAR . . . 13-12
AVANCA — AT. VAREIRO . . 7-9

A prova prossegue esta noite, com o seguinte programa :

AT. VAREIRO — ESPINHO
BEIRA-MAR — SANJOANENSE

Inicia-se também o Campeonato de Juniores, jogando nesta cidade, as turmas do Beira-Mar e da Sanjoanense.

Galitos e Esgueira apresentaram exposições de protesto nas entidades que orientam o basquetebol, contra a marcação dos jogos que lhe cumpria disputar, na sua qualidade de visitados, no Campeonato Nacional da II Divisão, para o Pavilhão de Ilhavo.

Espera-se que a Federação reveja o

Continua na página nove

BALTASAR VILARINHO

No domingo, antes do Beira-Mar — Gouveia, os jogadores, a equipa de arbitragem e todo o público guardaram um minuto de respeitoso e recolhido silêncio, em homenagem ao dinâmico Vice-Presidente da Direcção do Beira-Mar, Baltasar da Rocha Vilarinho, falecido na véspera, pela madrugada.

Ainda em sinal de luto, os beiramarenses apresentaram-se com braçadeiras pretas.

O saudoso desportista, prestigioso aveirense, foi também director de «Os Belenenses» (de que ainda era membro do Conselho Geral). Também em Lisboa, no jogo realizado no Estádio do Restelo, entre os «azuis» de Belém e o F. C. do Porto, se prestou sentido preito à memória de Baltasar Vilarinho.

Secção dirigida por António Leopoldo

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

BEIRA-MAR, 5 GOUVEIA, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Joaquim Campos, coadjuvado pelos srs. Joaquim Candeias (bancada) e José Rolo (peão) — todos da Comissão Distrital de Lisboa.

As equipas alinharam deste modo:

BEIRA-MAR — Paulo; Bernardino, Joca (Chaves, aos 8 m.), Marçal e Marques; Colorado e Abdul; Amaral, Cleo, Sousa e Almeida.

GOUVEIA — Dias (Ferreira, aos 46 m.); Nogueira, Carlos Franco, Maçarico e Amílcar; Amaral e Diamantino (Marques, aos 80 m.); Pestana, Nartanga, Júlio e Cardoso.

Resultadodo primeiro tempo. 3-0.

Aos 8 m., no seguimento de um «corner» apontado por Almeida, CLEO, de cabeça, fez o primeiro golo. E, aos 18 m., o mesmo CLEO, com remate certeiro, após lance desenvolvido por Sousa, Almeida e Colorado, elevou a marca. Aos 44 m., o resultado subiu para 3-0: Almeida, vencendo a oposição de Nogueira e Amaral, tocou para COLORADO que, de fora da área, com um pontapé em arco, iludiu o guarda-redes Dias.

Na segunda-parte: 2-0.

Aos 59m., no seguimento de um livre apontado por Abdul, a castigar falta de Nogueira, AMARAL elevou-se muito bem, desviando a bola, em golpe de cabeça. Aos 62 m., recebendo a bola de Cleo, e depois de desfeitear dois jogadores adversários, em fintas de corpo, COLORADO atirou um remate, de fora da grande área, surpreendendo Ferreira.

A partida, prejudicada pelo facto do relvado se apresentar em condições muito deficientes, decorreu sempre com vantagem técnica e territorial dos beiramarenses — mais expeditos no remate e mais empreendedores.

O Gouveia, porém, mostrou-se aguerrido e procurou replicar, em contra-ataques, depois de lhe ter pertencido um rompante inicial em que, com a marca em zero-zero, podiam ter marcado primeiro, em dois lances: num remate cruzado de Cardoso (2 m.), com Paulo batido; e numa bola cabeceada por Diamantino contra a barra (4 m.), após um «corner».

A turma de Aveiro, porém,

Continua na página nove

REGISTO

Resultados da 13.ª jornada:

PENAFIEL — T. NOVAS . . 2-0
SALGUEIROS — TRAMAGAL 6-1
BEIRA-MAR — GOUVEIA . . 5-0
FAMALICÃO — VALECAMBRE. 7-0
A. VISEU — TIRSENSE . . . 1-0
COVILHÃ — LEÇA 2-2
ESPINHO — BOAVISTA . . 1-1

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Boavista	13	9	2	2	30-11	20
Famalicão	12	9	1	2	31-13	19
BEIRA-MAR	13	7	2	4	20-10	16
Tirsense	13	6	3	4	17-11	15
Salgueiros	13	6	2	5	24-12	14
A. Viseu	13	6	2	5	20-16	14
Penafiel	13	6	2	5	15-18	14
T. Novas	13	3	6	4	12-13	12
Tramagal	13	5	2	6	22-27	12
Gouveia	12	5	1	6	12-23	11
Espinho	13	4	3	6	17-23	11
Leça	13	5	1	7	16-24	11
Valecambren.	13	2	3	8	11-30	7
Covilhã	13	1	2	10	9-25	4

Jogos para amanhã:

COVILHÃ — ESPINHO (0-1)
A. VISEU — LEÇA (1-2)
FAMALICÃO — TIRSENSE (0-1)
BEIRA-MAR — VALECAMBREN. (1-3)
SALGUEIROS — GOUVEIA ((0-1)
PENAFIEL — TRAMAGAL (0-1)
T. NOVAS — BOAVISTA (1-1)

Basquetebol

I DIVISÃO

Na nona e penúltima jornada, o Galitos — em nítido crescendo de forma — foi vencer a Sangalhos, de forma categórica, e o Esgueira foi batido, por uma «cesta», no jogo de S. João da Madeira. Resultados gerais:

SANJOANENSE — ESGUEIRA . 44-42
SANGALHOS — GALITOS . . 29-40

Classificação geral:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Esgueira	8	4	4	307-283	16
Illiabum	7	4	3	284-246	15
Galitos	7	4	3	259-259	15
Sangalhos	7	3	4	232-233	13
Sanjoanense	7	3	4	230-291	13

Esta noite defrontam-se:

GALITOS — SANJOANENSE
ILLIABUM — SANGALHOS

Se, como se prevê, vencerem as duas turmas visitadas, a questão do título fica em suspenso, devendo disputar-se uma «finalíssima» entre Galitos e Illiabum. Todavia, se ocorrer qualquer surpresa, nos desafios da ronda final, o caso pode ficar decidido desde logo... a menos que triunfem os dois visitantes (Sangalhos e Sanjoanense).

A suceder assim, teríamos um caso inédito: os cinco concorrentes finalizavam a prova com igual pontuação, o que retardaria, implicitamente, o problema da atribuição do título.

Sanjoanense, 44 Esgueira, 42

Jogo no Pavilhão de S. João da Madeira, sob arbitragem do sr. Aureliano Silva. Alinharam e marcaram:

Sanjoanense — Armando, Moutinho 5-0, Ramalhosa 6-0, Margalho 12-6, Carlos Silva 8-7, Pires, Pinho, Nuno e Dias.

Esgueira — Ravara, Manuel Pereira 6-7, Costa 0-2, Américo 0-13, Salviano 6-4, Ferreira e Quim 4-0.

1.ª parte: 31-16. 2.ª parte: 13-26.

Os esgueirenses tiveram um começo desastroso, consentindo que os locais ganhassem dianteira substancial: 10-0, 10-2 e 18-2 — são marcas intermédias, bem elucidativas.

Em seguida, os verdes encetaram notável recuperação, com resultados palpáveis só depois do intervalo: a sete minutos do termo do jogo, a Sanjoanense pontuou

Continua na página nove

CAMPEONATOS DISTRITAIS DE AVEIRO

PANORAMA BASQUETEBOLÍSTICO

No número de 25 de Novembro findo de A VOZ DESPORTIVA DE COIMBRA E SUA REGIÃO, publicou-se, com o título acima reproduzido, o artigo que a seguir transcrevemos, com a devida vénia, pela justiça das palavras escritas pelo seu autor (C. D.), relativamente ao Basquetebol Aveirense:

Estamos na nova era do basquete, com um Nacional Maior em «mini». Não tão «mini» como se havia planificado, no que respeita a número de concorrentes. Falou-se em oito. Mas, como uns homens falam e outros desfalam, subiu o quantitativo para dez. Não em respeito dos interesses da modalidade, mas sim para acorrer ao mando de «maiorais» de sectores. Quando um dia se faça a verdadeira história de certas «metamorfoses» — entre elas a que toca a estas modificações de quantitativos e dos critérios que os determinaram, o mundo rirá com gosto e concluirá porque mãos tem andado estas coisas da «bola-ao-cesto».

Por mais esforços que faça, não consigo perdoar que Aveiro, esse Aveiro que tanto tem feito pelo basquetebol, haja sido arredado, pensamos que maldosa e impensadamente dos poisos de primeiro plano, sem um válido «porquê».

Ouvimos dizer a alguém, que cá mais para baixo é que convinha. Que no Regimento das Caldas costumavam prestar serviço certos jogadores e que importava tê-los em actividade. Palavras loucas, afinal... Também escutámos que os «melhores» a jogarem uns com os outros, é que promoveria a evolução da qualidade do basquetebol. Que pequenos com grandes, não dava nada.

Por outro lado, as mesmas vozes se levantaram sempre, em seus dizeres que nós, em compitas com os «cincos» de algo da estranja

Continua na página nove

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 10.ª jornada:

Cucujães — Oliveira do Bairro . 2-1
Recreio — Pejão 1-1
Arrifanense — Estarreja 4-0
Cesarense — Anadia 0-1
Esmoriz — Alba 1-1
Paivense — Paços de Brandão . 2-0
Bustelo — S. João de Ver 1-1
Valonguense — Ovarense . . . 2-1

Classificações:

1.ºs — Alba (23-8) e Ovarense (19-6), 24 pontos. 3.ºs — Anadia (21-8) e Esmoriz (12-9), 23. 5.ºs — S. João de Ver (16-10) e Recreio de Águeda (13-9), 22. 7.ºs — Estarreja (11-10), Paços de Brandão (9-10) e Valonguense (12-13), 21. 10.ºs — Oliveira do Bairro (16-14) e Bustelo (10-16), 19. 12.ºs — Paivense(10-12) e Arrifanense (13-16), 18. 14.º — Pejão (13-28), 16. 15.º — Cesarense (8-20), 15. 16.º — Cucujães (8-25), 14.

RESERVAS

Resultados da 7.ª jornada:

ZONA A

Espinho — Sanjoanense 4-2
Feirense — Valecambrense . . . 2-2
Lusitânia — Oliveirense 0-3

Classificação geral:

1.º — Oliveirense, 16 pontos. 2.º — Espinho, 14. 3.ºs — Feirense e Sanjoanense, 13. 5.º — Valecambrense, 11. 6.º — Lusitânia, 10. 7.º — Ovarense, 9.

ZONA B

Nesta série, apenas com quatro concorrentes, a prova já terminou, com o triunfo para o Alba — assim qualificado para a final do torneio.

JUNIORES

Resultados da 9.ª jornada:

ZONA A

Lamas — Feirense 3-2
Espinho — Lusitânia 0-0
Paços de Brandão — Esmoriz . . 4-1

ZONA B

Arrifanense — Bustelo 3-2
Sanjoanense — Oliveirense . . . 3-1
Valecambrense — Cucujães . . . 6-1

ZONA C

Vista-Alegre — Alba 0-1
Estarreja — Beira-Mar 0-3
Ovarense — Avanca 2-0

ZONA D

Anadia — Pampilhosa 0-2
Valonguense — Mealhada 5-0
Recreio — Oliveira do Bairro . . 8-0

Classificações:

ZONA A — 1.º — Lusitânia (13-11), 21 pontos. 2.º — Paços de Brandão (20-9), 20. 3.ºs — Espinho (14-14) e Lamas (12-13), 19. 5.º — Feirense (13-13), 17. 6.º — Esmoriz (5-17), 12.

ZONA B — 1.º — Sanjoanense

Continua na página nove

Cada cabeça... sua sentença

Continuação da primeira página

Diálogo terá de ser sempre um jogo entre dois. No mínimo. Nunca é demais insistir neste ponto, tão certo é haver ainda nos nossos dias diálogos que não passam de solilóquios. Diálogo será sempre, e necessàriamente, uma palavra que implica uma ideia de plural. Os colóquios, as conferências, os encontros, serão as suas formas mais urgentes. O que se tem feito, dir-se-á. Certo. Mas tem que atentar-se nas escassas minorias interessadas no diálogo assim proposto. Interessadas porque minorias preparadas ou abertas ao circuito dialogal. Terá, pois, que rever-se este ponto crucial de modo a que, entre a importância e a urgência do diálogo e as massas a quem ele possa interessar, se minorize o abismo que todos nós conhecemos. Julgo que o cinema, o teatro e a televisão terão, neste aspecto, um papel iniciático a desempenhar, visando problemas do nosso tempo. Imagem e linguagem serão, é evidente, fàcilmente inteligíveis como convém a um programa de incorporação dialogal. Exposições de artes plásticas e recitais de poesia poderão ser também poderoso veículo de aderência, observada que seja uma problemática que prenda fortemente.

Interessa fazer ingressar no diálogo todo um sub-mundo que *hiberna* pelos cafés, tabernas e campos de futebol. *Recuperá-los* para o diálogo será uma missão infraestrutural. Só depois o diálogo terá um mais amplo sentido justificativo. Diálogo de todos nós e não dos outros.

UM SACERDOTE

Se eu disser que há objecções que gostaria de levantar ao modo como se tem entendido entre nós o Diálogo a haver, talvez alguém sorria e diga que ele nem sequer existe. Exacto. Mas há ou houve tentativas e essas mostraram já posições, e eu confesso que ao acompanhá-las com o carinho que o assunto me merece, não só não concordei, como até nem lhes adivinhei grandes possibilidades.

Penso que se conseguir explicar-me, se poderá ver o que penso do diálogo e como sinto a sua urgência «aqui e agora». Em primeiro lugar, o diálogo é uma questão de pessoas. Há quem sinta que a Verdade está sempre para além de si próprio, quem procure e se sinta espicaçado irremediàvelmente a ultrapassar conhecimentos adquiridos, ideias e símbolos que lhes iam traduzindo o que é, na pista do que será. E há também, quem não sinta nada que se pareça com isso e apesar de tudo (que pena!) tenha vastos conhecimentos, que aprecia a ponto de se comprazer em mostras públicas mais ou menos bem pretextuadas. Isto poderia dizer-se em termos de cultura. É que os conhecimentos (e podem eles ser limitados ou ter diversa origem) ou estão ao serviço intencional da verdade (sublinho intencional) e então procuram confrontar-se, abrindo a porta à crítica, à superação, à presença do outro como tal, isto é, dialogam para ser e crescer. Ou então, uma segunda posição, a que me habituei a ligar o termo in-cultura tenha ela (a posição) os rótulos que tiver, os pensamentos existem para serem ditos. O outro quando muito que faça o mesmo e diga o que entender pois quando tiver acabado haverá sempre deixas para mais uma exposição... Mas no fundo a verdade está conseguida; é só haver oportunidade e ela saltará, acabada, lógica e pronta, à medida de cada qual.

Ora, só quando o outro é uma possibilidade, para mim, pode acontecer diálogo. De contrário... (Bem, eu gostaria que os meus possíveis leitores não lessem demais ou vissem referências a esta ou àquela pessoa). Em segundo lugar, sendo o diálogo um caminho necessário e urgente a quem procura, não me parece o jornal o único ou mesmo o mais indicado veículo para o realizar. Permite um estilo de explanação catedrática e lógica e os pobres leitores, na melhor das hipóteses, esperarão uma semana (até esquecerem?) que surja o porta-voz da sua opinião. Parece-me que assim, é que ninguém vai mesmo sair do seu quintal! Julgo que os encontros pessoais, devidamente aproveitados, em que cada um, permanecendo fiel a si próprio, interroga o outro, tenta compreendê-lo e até (porque não?) o ajuda a crescer na linha dos reais valores que possui, são fórmulas a tentar.

Que pena tenho eu, de vez em quando, de não poder interromper quem escreve, para perguntar, para compreender melhor uma centelha de qualquer coisa de que há muito sentia a falta... Pena e raiva! (É que por vezes somos vizinhos ao pé da porta).

Penso que ao pôr o problema em termos de honesta procura intelectual, animada de boa-vontade, de compreensão e anseio de superação de posições pessoais, ninguém vai pensar que falo de conversão. Se «quem sobe converge» parece-me que vale a pena subir e auxiliar os demais a fazê-lo no seu próprio caminho, ainda que na maioria dos casos o ponto de convergência não seja a linha do horizonte.

JORGE SARABANDO MOREIRA

A População de Aveiro

Continuação da primeira página

da já em milhares, vive para além dessa linha de cintura, que não pode ser considerada jamais uma linha divisória. Industriais, comerciantes, funcionários públicos e bancários, operários e empregados comerciais, toda uma população activa da cidade e subúrbios, ali reside em toda essa extensa área, hoje parte integrante da cidade.

Por isso mesmo, com ou sem urbanização, (onde é que ela está!) esses núcleos numerosíssimos são pertença da cidade, incorporam-se nas suas três freguesias, numa palavra — são Aveiro.

Assim, e para se ajuizar mais concretamente da população de Aveiro, começaremos por dizer que, pelo censo de 1940, as freguesias da Glória, da Vera-Cruz e de Esgueira (esta ainda se não integrava na cidade) contavam respectivamente 6 846, 7 974 e 4 215 almas, num total de 19 035 habitantes. Espinho e S. João da Madeira acusavam, na mesma data, 8 013 e 7 424, números inferiores também a Ovar e Ílhavo (muito iguais) com 12 799 e 12 134. Convém esclarecer que estes números se reportam às freguesias da própria cidade e vilas, englobando, por conseguinte, os lugares que, embora afastados dos seus centros, lhes são agregados por força administrativa. Se excluirmos porém, a freguesia de Esgueira, à referida data, a população de Aveiro cifrava-se em 14 820 em 1940. Como poderia então verificar-se apenas um aumento de 879 indivíduos no espaço de vinte anos? Isto comprova que os números presentes pelo Dr. Mário Sacramento, correspondentes ao censo de 1960, se referem sòmente à zona compreendida para cá da via férrea.

Em 1951, a propósito da local publicada «Qual será a população de Aveiro», a Câmara Municipal, fornecia a seguinte informação, que nos permitimos transcrever:

— «Satisfazendo, em parte, os desejos do *Correio do Vouga*, informamos que os números, com carácter provisório, obtidos no IX recenseamento da população, em 1950, foram os seguintes:

Freguesia de Esgueira	5 044
Freguesia da Glória	8 085
Freguesia da Vera-Cruz	9 078
Total	22 207

Temos assim, a própria Câmara a considerar — e muito bem — Aveiro em toda a sua plenitude, com os números que legìtimamente a integram, fornecidos pelas três freguesias que já então a compõem.

Tudo leva a crer, pois, que em 1960, tomando como base o aumento verificado na década de 40 a 50 — 3 172 indivíduos (considerando Esgueira), Aveiro deveria ultrapassar a casa dos 25 000. A concluir, e estabelecido o mesmo princípio, computamos a sua população actual em cerca de 28 000 almas.

Resta-nos pedir ao Dr. Mário Sacramento que nos perdoe a intromissão. E, posto isto, pouco tem a recear quanto ao próximo censo de 1970. Mesmo levando em linha de conta o progresso da ridente praia de Espinho e o desenvolvimento da laboriosa S. João da Madeira, nós ainda vamos por Aveiro — sede dum concelho que conta hoje 50 000 habitantes — à qual, embora em marasmo relativo nestes últimos anos, está reservado promissor futuro. Assim o cremos.

AMADEU DE SOUSA

TEATRO NECESSÁRIO e NECESSIDADE de TEATRO

Continuação da primeira página

reprovar, pois tudo tem o seu lugar definido e razão de ser. Mas, quando se buscam desculpas no «desconforto das cadeiras» ou na «exorbitância dos preços», fica-me uma sensação falsa, dando até a impressão que a consciência do indivíduo, por vezes, é tão forte que o obriga a escusar-se perante si próprio.

Também há quem afirme, convictamente (?): «Teatro! É muito caro. Não, não tenho dinheiro para ver «isso», essa «coisa» que até me faz sono». Por variadíssimas vezes (se não sempre) estas pessoas são as primeiras a formar bicha para conseguir bilhetes para as «fabulosas» revistas que, de vez em quando, nos visitam e que, na sua maior parte, constituem uma frustração total como arte. Daqui se depreende que não há obstáculos, quando as pessoas gostam (?) e a questão material esfuma-se, nem sequer constituindo problema.

«O teatro de agora não presta, não vale nada. No meu tempo sim, valia a pena». Estes, os saudosistas, têm que ser encarados naturalmente pois há sempre um lugar para eles em todas as épocas da história do mundo. São inevitáveis. No entanto, se as suas vozes se ouvem e fazem certo eco, a culpa é das camadas jovens; se elas acorressem ao teatro, ao teatro de agora, ao seu teatro (bem entendido que, quando digo «seu» não quero dizer que a arte seja exclusivamente para jovens. Não. Jovens, para mim (e neste caso), para além das idades, são todas as pessoas de espírito aberto e resoluto que não deixariam lugar para comentários assim.

O público, por vezes, mostra-se inconstante e ingrato quando não gosta (ou julga isso, não fazendo qualquer esforço para aceitar o que vê e ouve), fanático e disposto a todos os sacrifícios quando se dedica. Isto é lógico e humano. O meio termo das coisas nem sempre é o ideal, confesso. A solução é o enraizamento da arte, a sua imposição no espírito das pessoas. Nós sabemos — eu mesmo já aqui o afirmei e defendi — que os grupos de teatro amador devem procurar cativar e encaminhar o público para si, para as suas realizações e objectivos; mas isso nunca poderá ser viável se se continuar a trabalhar para uns tantos (e quase sempre os mesmos) e para as tais cadeiras «desconfortáveis» desoladoramente vazias.

É fundamental que se dê ajuda, que as pessoas acreditem e que não julguem precipitadamente, à distância, e na maior parte das vezes sem conhecimento de causa. E também não vale a pena cansarem-se a procurar ou rebuscar auto-desculpas para atitudes (e alheamentos) que não se justificam.

JOSÉ JÚLIO FINO

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	CENTRAL
Domingo	MODERNA
2.ª feira	ALA
3.ª feira	M. CALADO
4.ª feira	AVENIDA
5.ª feira	SAÚDE
6.ª feira	OUDINOT

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

«ENTREGAS DOS RAMOS»

Estão em curso as tradicionais e bem típicas cerimónias das *Entregas dos Ramos* — festas vincadamente aveirenses.

Na freguesia da Vera-Cruz, a Irmandade do Santíssimo Sacramento procedeu, no Dia de Natal, à eleição dos seus novos elementos, sendo escolhido para Juiz o sr. Bertino Agra da Cruz. No dia imediato, no final da missa das 11 horas, celebrada na igreja paroquial, houve a cerimónia da entrega dos ramos aos novos mordomos, seguida de festejos populares.

Amanhã, na freguesia da Glória, haverá a entrega dos ramos aos novos mordomos da Confraria do Santíssimo Sacramento, após missa solene, que se celebrará às 12 horas.

Novamente na Vera-Cruz, em 1 de Janeiro, realiza-se a entrega dos ramos aos mordomos que, na véspera, forem eleitos para servir na Irmandade do Senhor do Bendito. Pelas 12 horas, celebra-se missa solene.

PASSAGEM DO ANO

Na noite de terça-feira próxima, 31 de Dezembro, realizam-se nesta cidade, as seguintes festas de passagem do ano:

— No Teatro Aveirense, com início às 22 horas, organizada pela Comissão Pró-Sede do Clube dos Galitos. Colaboram os conjuntos de *Sousa Galvão* e *Poker's*.

— No Restaurante Gado d'Ouro, haverá o tradicional *réveillon*, com baile e ceia permanente.

— No salão de festas da Banda Amizade, haverá um baile de passagem do ano, com início às 21.45 horas, abrilhantado pelos conjuntos musicais *The Karts* e *Agueda-Ritmos*.

— No salão de festas dos Bombeiros Novos, realiza-se um baile, com início marcado para as 21.45 horas.

MOVIMENTO DE MERCADORIAS

Movimentaram-se no porto de Aveiro, durante o mês de Novembro, 10 465 ton. de mercadorias, sendo 4 529 ton. carregadas e 5 936 ton. descarregadas.

Deste modo, o movimento ascendeu este ano, no porto de Aveiro, até ao dia 30 de Novembro, para 124 312 ton. não estando incluída, neste número, a tonelagem correspondente ao movimento de bacalhau, o que significa que, em relação a igual período do ano de 1967, houve um acréscimo de 16 026 ton. de mercadorias movimentadas.

FICOU EM AVEIRO UMA PARTE DA «TALUDA» DO NATAL

Na lotaria especial do Natal, a «taluda» — 50 mil contos — coube ao número 16 561, distribuído pela «Casa Costa, Ld.ª», de Lisboa, que enviou parte das fracções do respectivo bilhete para a Casa da Viúva Corado, na Rua de José Estêvão, nesta cidade.

Assim, em Aveiro foi vendida a sorte grande — contemplando-se algumas dezenas de pessoas da cidade e da região, pois há notícia de que alguns dos felizes compradores do número premiado com a «taluda» residem na Gafanha e em Estarreja.

Também se sabe que o 16 561 foi adquirido por excursionistas lisboetas, em trânsito por Aveiro, no penúltimo fim-de-semana, quando da realização do jogo Porto-Benfica.

Na venda da «taluda», nesta cidade, distinguiu-se o conhecido distribuidor de jornais sr. José Rodrigues de Castro, que andou a apregoar muito perto de dez mil contos...

FESTAS DA QUADRA

Por motivo de falta de espaço, não podemos noticiar, hoje, diversas festas natalícias promovidas por empresas aveirenses, para que nos foram endereçados amáveis convites.

Esperamos fazê-lo no próximo número do *Litoral*.

O NOVO PORTO COMERCIAL

Nota-se, neste momento, grande azáfama no novo sector comercial do porto, no sentido de o tornar apto a funcionar em pleno, dentro de curto prazo.

Decorrem ali os trabalhos de electrificação, empreitada cujo valor ronda os 1 800 contos; de montagem de quatro guindastes automóveis, cujo custo é da ordem dos 3 400 contos; e da montagem de dois empilhadores, cujo custo é de cerca de 460 contos.

O novo sector ficará em condições de utilização plena nos primeirosdias do próximo ano. Espera-se, apenas, que seja considerado habilitado para carga e descarga de mercadorias pelas entidades competentes, para que possa ser posto em funcionamento. Aliás, se não está, ainda, a ser explorado isso se deve, ùnicamente, a carências dos serviços da fiscalização.

MOVIMENTO DA LOTA

Durante o mês de Novembro foi transaccionado, no porto de pesca costeira do porto de Aveiro, peixe no valor global de 1 293 006$00, correspondendo 647 597$00 ao peixe do arrasto costeiro, 504 853$00 ao peixe das traineiras e 140 556$00 ao peixe de pesca artesanal da laguna, verificando-se, assim, um decréscimo no movimento da lota motivado pelos demorados períodos de mau tempo, que não permitiram o trabalho normal das frotas das traineiras.

Um Comunicado do Beira-Mar

Em sua reunião extraordinária de 25 do corrente, com a presença da Tertúlia Beiramarense e da Comissão Pró Beira-Mar, a Direcção do Sport Clube Beira-Mar, profundamente abalada pelo inesperado falecimento do seu querido Vice-Presidente sr. Baltasar Vilarinho, figura cuja memória jamais poderá abandonar o coração de todos os Beiramarenses e Aveirenses, deliberou:

1.º — Cancelar o programa comemorativo da passagem do 47.º Aniversário do Clube, já anunciado.

2.º — Prolongar o luto, que agora ensombra o Clube, até ao dia 21 do próximo mês.

3.º — Promover a organização de uma Comissão, que deverá ter a representatividade dos vários sectores do Clube, para levar a efeito a homenagem póstuma que se impõe.

4.º — Mandar celebrar missa de sufrágio no próximo dia 28, sábado, pelas 18 horas, na igreja da Vera-Cruz.

5.º — Assinalar o Aniversário do Clube com celebração de missa, sufragando a alma de todos os Beiramarenses, no dia 1 de Janeiro próximo, pelas 10 horas, na capela de S. Gonçalinho, seguida de romagem de saudade aos vários cemitérios.

Para o efeito, será assegurado o transporte gratuito, para o Cemitério da Gafanha da Nazaré, com partida da Sede, pelas 12 horas.

A DIRECÇÃO

Ca... ...ulos

CI... ...IDA

Sá... ...noite) —

A VI... ...OS, com Peter ...larck e Lucia...

Pa... ...os.

Do... ...à noite)

— O R... ...GO, com Hally ...Martin e Fern...

Pr... ...os.

Te... ...te) — OS

3 SA... ...NGALA com ...ugo Arden e...

Pa... ...os.

Justa Evocação

Continuação da última página

proeminente lugar o digestor contínuo, que atinge 45 metros de altura e é susceptível de duplicar o rendimento da primeira linha, no sector da pasta crua, melhoria que logo determinou a necessidade, já também concretizada, do correspondente equipamento de lavagem e crivagem. Referiu os recentes processos de branqueamento, estufa de secagem, corte da pasta em folhas, seu enfardamento e transporte, adequado armazenamento, caldeira de recuperação e concomitante equipamento de caustificação; moderna máquina de canelar com capacidade de produção dupla da primitiva. Todos estes melhoramentos funcionam já — embora em fase experimental, aliás animadora. Anunciou ainda a adjudicação de um sistema de armazenamento das madeiras que dispensa o seu empilhamento; de um gerador de vapor adaptado às necessidades da nova máquina de canelar e de outra eficiente aparelhagem que dispense, quanto possível, o consumo de energia da rede exterior. Referiu-se depois aos problemas de ordem administrativa: remodelação da cantina, que passará, em 1 de Janeiro próximo, a funcionar em regime de serviço-próprio de cada utente; e reestruturação dos serviços fabris, aplicando um bem estudado organigrama. O sr. Eng.º Rodrigues de Carvalho concluiu por saudar os convidados, especialmente as senhoras; e dirigiu amável saudação aos representantes da Imprensa.

Lidos alguns telegramas — um deles emitido de França — falou, finalmente, o sr. Eng.º José Maria de Avillez, para anunciar a criação de três prémios escolares, a conferir anualmente, segundo regulamento apropriado, a alunos do Liceu («Prémio Eng.º Manuel Santos Mendonça») e da Escola Técnica («Prémio Eng.º Vasco de Quevedo Pessanha» e «Prémio Eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho»).

Depois da refeição, os convidados percorreram demoradamente as vastas instalações da *Celulose* de Cacia — elemento principal duma grandiosa organização a quem tanto deve já a economia nacional.

Aveiro de luto

A quadra do Natal foi, este ano, em Aveiro, empanada por lutos dolorosos — e mais dolorosos porque inesperados, choque violento a contrastar com a nota festiva do calendário. Demos notícia, na passada semana, do falecimento de aveirenses que todos os aveirenses particularmente estimavam, com sobejos motivos para a sua estima; e já hoje teremos que acrescentar ao rol mais três nomes — três razões mais a acrescer a nossa mágoa nesta quadra de Natal, tão lutuosa para Aveiro.

MANUEL ANTÓNIO SALGUEIRO LOPES

Lá fora para o Ultramar, alegremente cônscio de irrecusáveis deveres, para missão cujo cumprimento antecipara por sua própria e entusiástica vontade! Já tinha galgado muito mais de metade do tempo de serviço ultramarino; à vista já o momento em que pudesse orgulhosamente dizer: «Missão cumprida!» — e afinal cumpriu-a, ao cabo de muitas e arriscadas missões; só que um brutal acidente o impediu de levar a cabo todas as missões da sua missão — e morreu quando nele tudo era vida, juventude, esperança! Até os dois colegas que com ele pereceram!

Vinte e três anos apenas! A bondade e a simpatia num só nome: Manuel António Salgueiro Lopes.

Foi o trágico acidente no dia 20, a trinta quilómetros da Base angolana de Negage. Logo se soube em Aveiro, terra dos seus; e logo se diligenciou para que o moço alferes-aviador viesse, em corpo e glória, para Aveiro. E lá foi a sepultar, na pretérita segunda-feira à tarde, depois de piedosa paragem na igreja de S. Francisco — lá foi, após missa de corpo-presente, para o Cemitério Central, seguido da consternação de Aveiro. De todos que ansiadamente esperaram que um avião dos TAP o trouxesse à Metrópole, para lhe prestarem a derradeira homenagem. Derradeira?! — Afinal, em quantos conheciam o Manuel António, sempre ficará preito às suas virtudes numa perene saudade! E sempre para ele haverá uma prece!

O alferes-piloto-aviador miliciano Manuel António Salgueiro Lopes nasceu em Lisboa. Foi aluno do Liceu de Aveiro e do Colégio Militar. Alistou-se depois na Força Aérea e fez a sua instrução nas Bases de S. Jacinto e de Tancos. Partiu voluntàriamente para Angola há cerca de dois anos, donde se esperava que regressasse em Março próximo.

O Manuel António era filho da sr.ª D. Maria Perpétua Trindade Salgueiro Lopes e do nosso querido amigo Comandante Manuel Branco Lopes; irmão da sr.ª D. Maria Luísa Salgueiro Lopes; neto das sr.as D. Ana Rosa Pereira Lopes e D. Virgínia Trindade Salgueiro; e sobrinho dos srs. Eng.º Alberto Branco Lopes e João Artur Trindade Salgueiro. Numerosos, de resto, eram os seus parentes — todos de reputadas famílias no meio aveirense.

BALTASAR DA ROCHA VILARINHO

No último sábado, quando a cidade começava a animar-se de vida, correu veloz uma funesta notícia, que a todos colheu de surpresa. Dolorosa surpresa! Disse-se — e quase não se acreditava — que morrera, nessa madrugada, Baltasar Vilarinho. Mais tarde se soube que, já na véspera, se não sentia bem disposto; depois acrescentou-se que, de tempos a tempos, se queixava de dores — coisa insignificante e fugaz, assim todos (ele próprio) o julgavam. Mas, nessa madrugada, em sua casa, quando ninguém o poderia supor e nada levava a crer, Baltasar Vilarinho caiu para sempre!

Baltasar da Rocha Vilarinho — dinâmico, prestável, bondoso — era um pedaço de Aveiro: lutador infatigável em todas as causas a que generosamente aderia, em tudo espelhava a fibra, que herdara de seu saudoso pai, do grande armador de navios de pesca e do conceituado industrial, actividades em que forjou nome prestigiado na praça aveirense e nas mais importantes praças do país. Apaixonado pelo desporto, foi director do Clube de Futebol «Os Belenenses» e, presentemente, dirigia o pelouro desportivo do «Beira-Mar», clube que sempre serviu e trouxe no tope das suas grandes dedicações.

Contava apenas 43 anos, o saudoso amigo. Era pai de quatro filhinhos — Conceição Maria, João Manuel, Pedro Manuel e Henrique Manuel, respectivamente de 15, 14, 10 e 6 anos de idade; deixa viúva a sr.ª D. Maria Helena Borges da Costa Moreira Vilarinho. Era filho da sr.ª D. Conceição Ribau da Rocha Vilarinho; e genro da sr.ª D. Rosa Borges da Costa Moreira e do sr. Coronel João da Costa Moreira.

O funeral, que se realizou ao começo da tarde de domingo, após missa de corpo-presente na igreja de S. Francisco, para o cemitério da Gafanha da Nazaré, onde o saudoso extinto nascera, constituiu eloquentíssima manifestação de sentimento: para cima de um milhar de automóveis, viaturas dos bombeiros locais e de Ílhavo, representações de numerosas agremiações desportivas e de recreio, designadamente do «Beira-Mar», cuja sede foi panejada de luto, milhares e milhares de pessoas de todas as condições sociais, de Aveiro, de Lisboa, de diversos pontos do país, entidades e autoridades de múltiplos sectores — formaram espectáculo de impressionante consternação. É que a súbita morte de Baltasar Vilarinho deixou brecha difícil de preencher. Todos o sentiram!

LOURENÇO VICENTE FERREIRA

Na manhã do dia de Natal faleceu repentinamente, na sua casa do Rossio, o sr. Lourenço Vicente Ferreira. Com ele conversara sua nora momentos antes; tempo de se retirar para um qualquer breve serviço doméstico — e, quando voltou, o «Ti Lourenço» já não deu acordo.

Na véspera, fechara o Café Arcada, onde a popularíssima figura aveirense fazia estágio, onde cavaqueava com todos, a todos prendendo com a sua tão peculiar conversa, eivada de termos a denunciar-lhe bem as suas origens modestas da Beira-Mar e o rude passadio da sua juventude na Ria; a todos recordava factos pregressos da sua querida Aveiro; e era querido de todos, dos humildes e dos notáveis (com os notáveis da terra, e de fora, privava em amizade com que tão espontâneamente o distinguiam). Era dedicado e bom. Rude, mas inteligente, franco e generoso quanto o podia ser. Trabalhador incansável, enquanto pôde, chegou a lugar de relevo na praça comercial de Aveiro. Teve depois dias de menos fortuna. Sempre aprumado, sempre resignado.

Contava o sr. Lourenço Vicente Ferreira 83 anos de idade. O venerando aveirense era viúvo de D. Ascensão Vicente Ferreira e pai do nosso bom amigo Dr. Domingos Vicente Ferreira, antigo Vice-Presidente da Câmara Municipal e agora funcionário superior da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, casado com a sr.ª D. Maria Amélia Vicente Ferreira; e avô de António e Álvaro Vicente Ferreira.

O enterro realizou-se no dia imediato, após missa de corpo-presente na capela de S. Gonçalinho, para o Cemitério Central. Numerosíssimas pessoas de todas as condições sociais acompanharam o «Ti Lourenço» à sua última jazida. Manifestação de pesar foi essa que deu clara dimensão de quanto era estimado o saudoso extinto.

Às famílias em luto, os pêsames do Litoral

Tomou posse o novo Vice-Governador

Continuação da última página

levou os merecimentos que exornam a personalidade do sr. Eng.º Simões Pontes, que bem lhe conhecia da profícua actuação à frente dos destinos da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro; o segundo, preconizando a criação de um Ministério da Agricultura e apontando outros remédios para os males da lavoura, disse da obra que o sr. Eng.º Pontes pôde realizar, em circunstâncias difíceis, a favor dos que labutam na terra.

O novo Governador Civil substituto saudou o Prelado da Diocese, ali representado pelo Vigário-Geral, Mons. Aníbal Ramos; disse considerar-se «um ponto minúsculo» na vida aveirense, mas com essa «insignificância» se contentava, «por pertencer a um grupo humano que tem sabido emprestar à vida da nação um nível de honroso desenvolvimento e uma dignidade altamente prestigiosa». Deu as razões da aceitação do cargo: desejo de colaborar com o Governo na hora de renovação e a possibilidade de servir no distrito ao lado do Dr. Vale Guimarães, «capitão da nau, salpicado de maresia desde menino, climatizado e calejado das coisas do mar/.../, ferrando ou enfunando as velas bem ligadas ao cavername, que incutirá confiança ao imediato e à tripulação»/.../. Mais adiante: «E principalmente o que toca ao mundo rural — desculpem-me a paixão pela terra e pelos problemas das suas sacrificadas gentes — tem ele um lugar especial e destacado no meu pensamento. Como, aliás, sempre tenho feito, não desisto de me preocupar e trabalhar por ele, na medida em que, mais do que nenhum outro, precisa de abnegados sacrifícios e dedicações. E dar-me-ia por satisfeito se algum dia — oxalá fosse breve — os meus modestos esforços, juntamente com os de outros mais valiosos, pudessem contribuir para que não fosse o homem a servir a agricultura, mas antes esta a servir aquele». E a concluir: «Tal como a pequena pedra foi útil a David, que eu saiba e possa também ter préstimo na tarefa que o sr. Governador Civil se propôs levar a efeito, enquadrada na política de tolerância e eficiência que o Presidente do Conselho, felizmente escolhido pela superior visão do Chefe do Estado, anunciou e pratica, a partir de um Governo cujo poder se apoia e orienta em princípios de moral e de justiça/.../».

No final da cerimónia, o sr. Eng.º Manuel Simões Pontes foi cumprimentado por cada um dos numerosos assistentes.

Câmara Municipal de Aveiro

CONVITE

A Câmara Municipal de Aveiro convida os seus munícipes a comparecerem junto à Estação de Caminho de Ferro da C. P., ao longo das margens da faixa de rodagem descendente da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, da Rua de Viana do Castelo, Ponte Praça e Rua do Clube dos Galitos, no próximo domingo, dia 29, pelas 10 horas, a fim de tomarem parte na recepção e devidas honras a prestar ao Senhor Presidente da República, à chegada e passagem por esta cidade, a caminho de Ílhavo, de Sua Excelência.

Agradece o

Presidente da Câmara

Artur Alves Moreira

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	CENTRAL
Domingo	MODERNA
2.ª feira	ALA
3.ª feira	M. CALADO
4.ª feira	AVENIDA
5.ª feira	SAÚDE
6.ª feira	OUDINOT

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

«ENTREGAS DOS RAMOS»

Estão em curso as tradicionais e bem típicas cerimónias das *Entregas dos Ramos* — festas vincadamente aveirenses.

Na freguesia da Vera-Cruz, a Irmandade do Santíssimo Sacramento procedeu, no Dia de Natal, à eleição dos seus novos elementos, sendo escolhido para Juiz o sr. Bertino Agra da Cruz. No dia imediato, no final da missa das 11 horas, celebrada na igreja paroquial, houve a cerimónia da entrega dos ramos aos novos mordomos, seguida de festejos populares.

Amanhã, na freguesia da Glória, haverá a entrega dos ramos aos novos mordomos da Confraria do Santíssimo Sacramento, após missa solene, que se celebrará às 12 horas.

Novamente na Vera-Cruz, em 1 de Janeiro, realiza-se a entrega dos ramos aos mordomos que, na véspera, forem eleitos para servir na Irmandade do Senhor do Bendito. Pelas 12 horas, celebra-se missa solene.

PASSAGEM DO ANO

Na noite de terça-feira próxima, 31 de Dezembro, realizam-se nesta cidade, as seguintes festas de passagem do ano:

— No Teatro Aveirense, com início às 22 horas, organizada pela Comissão Pró-Sede do Clube dos Galitos. Colaboram os conjuntos de *Sousa Galvão* e *Poker's*.

— No Restaurante Gado d'Ouro, haverá o tradicional *réveillon*, com baile e ceia permanente.

— No salão de festas da Banda Amizade, haverá um baile de passagem do ano, com início às 21.45 horas, abrilhantado pelos conjuntos musicais *The Karts* e *Agueda-Ritmos*.

— No salão de festas dos Bombeiros Novos, realiza-se um baile, com início marcado para as 21.45 horas.

MOVIMENTO DE MERCADORIAS

Movimentaram-se no porto de Aveiro, durante o mês de Novembro, 10 465 ton. de mercadorias, sendo 4 529 ton. carregadas e 5 936 ton. descarregadas.

Deste modo, o movimento ascendeu este ano, no porto de Aveiro, até ao dia 30 de Novembro, para 124 312 ton. não estando incluída, neste número, a tonelagem correspondente ao movimento de bacalhau, o que significa que, em relação a igual período do ano de 1967, houve um acréscimo de 16 026 ton. de mercadorias movimentadas.

FICOU EM AVEIRO UMA PARTE DA «TALUDA» DO NATAL

Na lotaria especial do Natal, a «taluda» — 50 mil contos — coube ao número 16 561, distribuído pela «Casa Costa, Ldª», de Lisboa, que enviou parte das fracções do respectivo bilhete para a Casa da Viúva Corado, na Rua de José Estêvão, nesta cidade.

Assim, em Aveiro foi vendida a sorte grande — contemplando-se algumas dezenas de pessoas da cidade e da região, pois há notícia de que alguns dos felizes compradores do número premiado com a «taluda» residem na Gafanha e em Estarreja.

Também se sabe que o 16 561 foi adquirido por excursionistas lisboetas, em trânsito por Aveiro, no penúltimo fim-de-semana, quando da realização do jogo Porto-Benfica.

Na venda da «taluda», nesta cidade, distinguiu-se o conhecido distribuidor de jornais sr. José Rodrigues de Castro, que andou a apregoar muito perto de dez mil contos...

FESTAS DA QUADRA

Por motivo de falta de espaço, não podemos noticiar, hoje, diversas festas natalícias promovidas por empresas aveirenses, para que nos foram endereçados amáveis convites.

Esperamos fazê-lo no próximo número do *Litoral*.

O NOVO PORTO COMERCIAL

Nota-se, neste momento, grande azáfama no novo sector comercial do porto, no sentido de o tornar apto a funcionar em pleno, dentro de curto prazo.

Decorrem ali os trabalhos de electrificação, empreitada cujo valor ronda os 1 800 contos; de montagem de quatro guindastes automóveis, cujo custo é da ordem dos 3 400 contos; e da montagem de dois empilhadores, cujo custo é de cerca de 460 contos.

O novo sector ficará em condições de utilização plena nos primeirosdias do próximo ano. Espera-se, apenas, que seja considerado habilitado para carga e descarga de mercadorias pelas entidades competentes, para que possa ser posto em funcionamento. Aliás, se não está, ainda, a ser explorado isso se deve, ùnicamente, a carências dos serviços da fiscalização.

MOVIMENTO DA LOTA

Durante o mês de Novembro foi transaccionado, no porto de pesca costeira do porto de Aveiro, peixe no valor global de 1 293 006$00, correspondendo 647 597$00 ao peixe do arrasto costeiro, 504 853$00 ao peixe das traineiras e 140 556$00 ao peixe de pesca artesanal da laguna, verificando-se, assim, um decréscimo no movimento da lota motivado pelos demorados períodos de mau tempo, que não permitiram o trabalho normal das frotas das traineiras.

Um Comunicado do Beira-Mar

Em sua reunião extraordinária de 25 do corrente, com a presença da Tertúlia Beiramarense e da Comissão Pró Beira-Mar, a Direcção do Sport Clube Beira-Mar, profundamente abalada pelo inesperado falecimento do seu querido Vice-Presidente sr. Baltasar Vilarinho, figura cuja memória jamais poderá abandonar o coração de todos os Beiramarenses e Aveirenses, deliberou:

1.º — Cancelar o programa comemorativo da passagem do 47.º Aniversário do Clube, já anunciado.

2.º — Prolongar o luto, que agora ensombra o Clube, até ao dia 21 do próximo mês.

3.º — Promover a organização de uma Comissão, que deverá ter a representatividade dos vários sectores do Clube, para levar a efeito a homenagem póstuma que se impõe.

4.º — Mandar celebrar missa de sufrágio no próximo dia 28, sábado, pelas 18 horas, na igreja da Vera-Cruz.

5.º — Assinalar o Aniversário do Clube com celebração de missa, sufragando a alma de todos os Beiramarenses, no dia 1 de Janeiro próximo, pelas 10 horas, na capela de S. Gonçalinho, seguida de romagem de saudade aos vários cemitérios.

Para o efeito, será assegurado o transporte gratuito, para o Cemitério da Gafanha da Nazaré, com partida da Sede, pelas 12 horas.

A DIRECÇÃO

Justa Evocação

Continuação da última página

proeminente lugar o digestor contínuo, que atinge 45 metros de altura e é susceptível de duplicar o rendimento da primeira linha, no sector da pasta crua, melhoria que logo determinou a necessidade, já também concretizada, do correspondente equipamento de lavagem e crivagem. Referiu os recentes processos de branqueamento, estufa de secagem, corte da pasta em folhas, seu enfardamento e transporte, adequado armazenamento, caldeira de recuperação e concomitante equipamento de caustificação; moderna máquina de canelar com capacidade de produção dupla da primitiva. Todos estes melhoramentos funcionam já — embora em fase experimental, aliás animadora. Anunciou ainda a adjudicação de um sistema de armazenamento das madeiras que dispensa o seu empilhamento; de um gerador de vapor adaptado às necessidades da nova máquina de canelar e de outra eficiente aparelhagem que dispense, quanto possível, o consumo de energia da rede exterior. Referiu-se depois aos problemas de ordem administrativa: remodelação da cantina, que passará, em 1 de Janeiro próximo, a funcionar em regime de serviço-próprio de cada utente; e reestruturação dos serviços fabris, aplicando um bem estudado organigrama. O sr. Eng.º Rodrigues de Carvalho concluiu por saudar os convidados, especialmente as senhoras; e dirigiu amável saudação aos representantes da Imprensa.

Lidos alguns telegramas — um deles emitido de França — falou, finalmente, o sr. Eng.º José Maria de Avillez, para anunciar a criação de três prémios escolares, a conferir anualmente, segundo regulamento apropriado, a alunos do Liceu («Prémio Eng.º Manuel Santos Mendonça») e da Escola Técnica («Prémio Eng.º Vasco de Quevedo Pessanha» e «Prémio Eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho»).

Depois da refeição, os convidados percorreram demoradamente as vastas instalações da *Celulose* de Cacia — elemento principal duma grandiosa organização a quem tanto deve já a economia nacional.

Aveiro de luto

A quadra do Natal foi, este ano, em Aveiro, empanada por lutos dolorosos — e mais dolorosos porque inesperados, choque violento a contrastar com a nota festiva do calendário. Demos notícia, na passada semana, do falecimento de aveirenses que todos os aveirenses particularmente estimavam, com sobejos motivos para a sua estima; e já hoje teremos que acrescentar ao rol mais três nomes — três razões mais a acrescer a nossa mágoa nesta quadra de Natal, tão lutuosa para Aveiro.

MANUEL ANTÓNIO SALGUEIRO LOPES

Lá fora para o Ultramar, alegremente cônscio de irrecusáveis deveres, para missão cujo cumprimento antecipara por sua própria e entusiástica vontade! Já tinha galgado muito mais de metade do tempo de serviço ultramarino; à vista já o momento em que pudesse orgulhosamente dizer: «Missão cumprida!» — e afinal cumpriu-a, ao cabo de muitas e arriscadas missões; só que um brutal acidente o impediu de levar a cabo todas as missões da sua missão — e morreu quando nele tudo era vida, juventude, esperança! Até os dois colegas que com ele pereceram!

Vinte e três anos apenas! A bondade e a simpatia num só nome: Manuel António Salgueiro Lopes.

Foi o trágico acidente no dia 20, a trinta quilómetros da Base angolana de Negage. Logo se soube em Aveiro, terra dos seus; e logo se diligenciou para que o moço alferes-aviador viesse, em corpo e glória, para Aveiro. E lá foi a sepultar, na pretérita segunda-feira à tarde, depois de piedosa paragem na igreja de S. Francisco — lá foi, após missa de corpo-presente, para o Cemitério Central, seguido da consternação de Aveiro. De todos que ansiadamente esperaram que um avião dos TAP o trouxesse à Metrópole, para lhe prestarem a derradeira homenagem. Derradeira?! — Afinal, em quantos conheciam o Manuel António, sempre ficará preito às suas virtudes numa perene saudade! E sempre para ele haverá uma prece!

O alferes-piloto-aviador miliciano Manuel António Salgueiro Lopes nasceu em Lisboa. Foi aluno do Liceu de Aveiro e do Colégio Militar. Alistou-se depois na Força Aérea e fez a sua instrução nas Bases de S. Jacinto e de Tancos. Partiu voluntàriamente para Angola há cerca de dois anos, donde se esperava que regressasse em Março próximo.

O Manuel António era filho da sr.ª D. Maria Perpétua Trindade Salgueiro Lopes e do nosso querido amigo Comandante Manuel Branco Lopes; irmão da sr.ª D. Maria Luisa Salgueiro Lopes; neto das sr.as D. Ana Rosa Pereira Lopes e D. Virginia Trindade Salgueiro; e sobrinho dos srs. Eng.º Alberto Branco Lopes e João Artur Trindade Salgueiro. Numerosos, de resto, eram os seus parentes — todos de reputadas famílias no meio aveirense.

BALTASAR DA ROCHA VILARINHO

No último sábado, quando a cidade começava a animar-se de vida, correu veloz uma funesta notícia, que a todos colheu de surpresa. Dolorosa surpresa! Disse-se — e quase não se acreditava — que morrera, nessa madrugada, Baltasar Vilarinho. Mais tarde se soube que, já na véspera, se não sentia bem disposto; depois acrescentou-se que, de tempos a tempos, se queixava de dores — coisa insignificante e fugaz, assim todos (ele próprio) o julgavam. Mas, nessa madrugada, em sua casa, quando ninguém o poderia supor e nada levava a crer, Baltasar Vilarinho caiu para sempre!

Baltasar da Rocha Vilarinho — dinâmico, prestável, bondoso — era um pedaço de Aveiro: lutador infatigável em todas as causas a que generosamente aderia, em tudo espelhava a fibra, que herdara de seu saudoso pai, do grande armador de navios de pesca e do conceituado industrial, actividades em que forjou nome prestigiado na praça aveirense e nas mais importantes praças do país. Apaixonado pelo desporto, foi director do Clube de Futebol «Os Belenenses» e, presentemente, dirigia o pelouro desportivo do «Beira-Mar», clube que sempre serviu e trouxe no tope das suas grandes dedicações.

Contava apenas 43 anos, o saudoso amigo. Era pai de quatro filhinhos — Conceição Maria, João Manuel, Pedro Manuel e Henrique Manuel, respectivamente de 15, 14, 10 e 6 anos de idade; deixa viúva a sr.ª D. Maria Helena Borges da Costa Moreira Vilarinho. Era filho da sr.ª D. Conceição Ribau da Rocha Vilarinho; e genro da sr.ª D. Rosa Borges da Costa Moreira e do sr. Coronel João da Costa Moreira.

O funeral, que se realizou ao começo da tarde de domingo, após missa de corpo-presente na igreja de S. Francisco, para o cemitério da Gafanha da Nazaré, onde o saudoso extinto nascera, constituiu eloquentíssima manifestação de sentimento: para cima de um milhar de automóveis, viaturas dos bombeiros locais e de Ílhavo, representações de numerosas agremiações desportivas e de recreio, designadamente do «Beira-Mar», cuja sede foi panejada de luto, milhares e milhares de pessoas de todas as condições sociais, de Aveiro, de Lisboa, de diversos pontos do país, entidades e autoridades de múltiplos sectores — formaram espectáculo de impressionante consternação. É que a súbita morte de Baltasar Vilarinho deixou brecha difícil de preencher. Todos o sentiram!

LOURENÇO VICENTE FERREIRA

Na manhã do dia de Natal faleceu repentinamente, na sua casa do Rossio, o sr. Lourenço Vicente Ferreira. Com ele conversara sua nora momentos antes; tempo de se retirar para um qualquer breve serviço doméstico — e, quando voltou, o «Ti Lourenço» já não deu acordo.

Na véspera, fechara o Café Arcada, onde a popularíssima figura aveirense fazia estágio, onde cavaqueava com todos, a todos prendendo com a sua tão peculiar conversa, eivada de termos a denunciar-lhe bem as suas origens modestas da Beira-Mar e o rude passadio da sua juventude na Ria; a todos recordava factos pregressos da sua querida Aveiro; e era querido de todos, dos humildes e dos notáveis (com os notáveis da terra, e de fora, privava em amizade com que tão espontâneamente o distinguiam). Era dedicado e bom. Rude, mas inteligente, franco e generoso quanto o podia ser. Trabalhador incansável, enquanto pôde, chegou a lugar de relevo na praça comercial de Aveiro. Teve depois dias de menos fortuna. Sempre aprumado, sempre resignado.

Contava o sr. Lourenço Vicente Ferreira 83 anos de idade. O venerando aveirense era viúvo de D. Ascensão Vicente Ferreira e pai do nosso bom amigo Dr. Domingos Vicente Ferreira, antigo Vice-Presidente da Câmara Municipal e agora funcionário superior da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, casado com a sr.ª D. Maria Amélia Vicente Ferreira; e avô de António e Álvaro Vicente Ferreira.

O enterro realizou-se no dia imediato, após missa de corpo-presente na capela de S. Gonçalinho, para o Cemitério Central. Numerosíssimas pessoas de todas as condições sociais acompanharam o «Ti Lourenço» à sua última jazida. Manifestação de pesar foi essa que deu clara dimensão de quanto era estimado o saudoso extinto.

Às famílias em luto, os pêsames do Litoral

Tomou posse o novo Vice-Governador

Continuação da última página

levou os merecimentos que exornam a personalidade do sr. Eng.º Simões Pontes, que bem lhe conhecia da profícua actuação à frente dos destinos da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro; o segundo, preconizando a criação de um Ministério da Agricultura e apontando outros remédios para os males da lavoura, disse da obra que o sr. Eng.º Pontes pôde realizar, em circunstâncias difíceis, a favor dos que labutam na terra.

O novo Governador Civil substituto saudou o Prelado da Diocese, ali representado pelo Vigário-Geral, Mons. Aníbal Ramos; disse considerar-se «um ponto minúsculo» na vida aveirense, mas com essa «insignificância» se contentava, «por pertencer a um grupo humano que tem sabido emprestar à vida da nação um nível de honroso desenvolvimento e uma dignidade altamente prestigiosa». Deu as razões da aceitação do cargo: desejo de colaborar com o Governo na hora de renovação e a possibilidade de servir no distrito ao lado do Dr. Vale Guimarães, «capitão da nau, salpicado de maresia desde menino, climatizado e calejado das coisas do mar/.../, ferrando ou enfunando as velas bem ligadas ao cavername, que incutirá confiança ao imediato e à tripulação»/.../. Mais adiante: «E principalmente o que toca ao mundo rural — desculpem-me a paixão pela terra e pelos problemas das suas sacrificadas gentes — tem ele um lugar especial e destacado no meu pensamento. Como, aliás, sempre tenho feito, não desisto de me preocupar e trabalhar por ele, na medida em que, mais do que nenhum outro, precisa de abnegados sacrifícios e dedicações. E dar-me-ia por satisfeito se algum dia — oxalá fosse breve — os meus modestos esforços, juntamente com os de outros mais valiosos, pudessem contribuir para que não fosse o homem a servir a agricultura, mas antes esta a servir aquele». E a concluir: «Tal como a pequena pedra foi útil a David, que eu saiba e possa também ter préstimo na tarefa que o sr. Governador Civil se propôs levar a efeito, enquadrada na política de tolerância e eficiência que o Presidente do Conselho, felizmente escolhido pela superior visão do Chefe do Estado, anunciou e pratica, a partir de um Governo cujo poder se apoia e orienta em princípios de moral e de justiça/.../».

No final da cerimónia, o sr. Eng.º Manuel Simões Pontes foi cumprimentado por cada um dos numerosos assistentes.

Câmara Municipal de Aveiro

CONVITE

A Câmara Municipal de Aveiro convida os seus munícipes a comparecerem junto à Estação de Caminho de Ferro da C. P., ao longo das margens da faixa de rodagem descendente da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, da Rua de Viana do Castelo, Ponte Praça e Rua do Clube dos Galitos, no próximo domingo, dia 29, pelas 10 horas, a fim de tomarem parte na recepção e devidas honras a prestar ao Senhor Presidente da República, à chegada e passagem por esta cidade, a caminho de Ílhavo, de Sua Excelência.

Agradece o

Presidente da Câmara

Artur Alves Moreira

AUTOMÓVEIS

Precisa comprar, vender ou trocar o seu automóvel, dirija-se ao Stand B M W

de: **Rep. Aveirauto, L.da**

Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 161 — Telef. 22167 — AVEIRO

CONTÉCNICA

Mário Oliveira Matos

Reparações em máquinas de escrever, somar, calcular, e contabilidade.
Contratos de limpeza.

Rua da Pinheira
ARADAS — AVEIRO
Telef. 24771

MONTEPIO GERAL

CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

Anuncia a transferência da sua **Agência em Aveiro** *para novas instalações na Rua Conselheiro Luís de Magalhães, 9.*

Tribunal Judicial da Comarca de Esposende

ANÚNCIO

1.ª publicação

Torna-se público que pela secção de processos do Tribunal Judicial da comarca de Esposende e nos autos de execução sumária que o exequente Manuel Cardoso e Silva, solteiro, residente na vila de Esposende, move contra os executados Irmãos Vidal, Limitada, com sede em Quintãs — Ílhavo — Costa do Valado; Abel Carlos da Costa Vidal e mulher Maria Helena Simões Pinho, proprietários, residentes na freguesia de Arada, e António José da Silva Nunes Vidal e mulher, Maria Odete Ferreira Lourenço, proprietários, residentes no lugar de Quintãs, todos da comarca de Aveiro, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando todos e quaisquer credores desconhecidos dos executados, que tenham direito real sobre os bens penhorados, a seguir indicados, para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos termos e para os efeitos do disposto nos artigos 864 e 865 do Código do Processo Civil. Bens penhorados — situados na freguesia de Arada — terra de cultura de sequeiro, sita na Pedro Moura, inscrita na matriz sob o art.º 2 544 em nome de Abel Carlos da Costa Vidal e Casa de rés-do-chão, sita na Rua Direita — Coimbrão, inscrita na matriz sob o artigo 1 445, em nome daquele Abel.

Esposende, 18 de Dezembro de 1968

O Juiz de Direito,
Natal Querido da Costa e Silva

O Escrivão de Direito,
Manuel Cerqueira Nunes da Silva

Litoral — Ano XV — 28-12-68 — N.º 738

Rua de Ferreira Borges — COIMBRA

Terrenos para construção

VENDE-SE 1 LOTE na Rua de José Luciano de Castro.

Informa-se no Horto Esgueirense.

Apartamento

— aluga-se, em prédio novo; com 3 quartos, sala comum, dispensa, cozinha, 2 quartos de banho, arrumos, quarto de criada e sótão para arrecadações e ainda com 2 varandas, na Rua de Ílhavo, n.º111, em Aveiro.

Tratar pelo telef. n.º 62350.

Precisa-se

RAPAZ À PRÁTICA

Informa

PASTELARIA AVENIDA

Centro Particular de Transfusões de Aveiro

JOÃO CURA SOARES
MÉDICO
EX-ESTAGIÁRIO DO SERVIÇO DE SANGUE DO HOSPITAL DE SANTA MARIA

Serviço permanente de Transfusões de Sangue

TELEFONES: De Dia — 22349; De Noite, Domingos e Feriados — 22205, 24800

GABINETE DE ESTÉTICA ELIZABETH

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 83-5.º-D.to — c/elevador
AVEIRO

ESTETICISTA • VISAGISTA

Depilação • Manicure • Maquillage

TRATAMENTOS DE BELEZA

Preços módicos — Hora marcada — Telef. 24814

Três relógios que aliam a incomparável precisão OMEGA à elegância e ao desporto

AGÊNCIA OFICIAL

Ourivesaria Matias & Irmão

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 78
Telef. 22429

Jóias de valor. Lindos Artigos de ouro pratas de estilo e relógios OMEGA

AVEIRO

Com cada relógio OMEGA é entregue um certificado que assegura a assistência técnica permanente em 163 países, e sempre com peças de origem.

Tribunal Judicial da Comarca de Esposende

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Torna-se público que pela secção de processos do Tribunal Judicial da comarca de Esposende e nos autos de execução sumária que Manuel Cardoso e Silva, Limitada, com sede na vila de Esposende, move contra os executados Irmãos Vidal, Limitada, com sede em Quintãs — Ílhavo — Costa do Valado; Abel Carlos da Costa Vidal e mulher, Maria Helena Simões Pinho, proprietários, residentes na freguesia de Arada e António José da Silva Nunes Vidal e mulher, Maria Odete Ferreira Lourenço, proprietários, residentes no lugar de Quintãs, todos da comarca de Aveiro, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação do anúncio, citando todos e quaisquer credores desconhecidos dos executados, que tenham direito real sobre os bens penhorados, a seguir indicados, para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos termos e para os efeitos do disposto nos artigos 864 e 865 do Código do Processo Civil. Bens penhorados — terreno de cultura sito no lugar de Ervosas, Ílhavo, inscrito na matriz sob o artigo 7 656 em nome de António José da Silva Nunes Vidal; e Conjunto Industrial — Fábrica de Estores, sita em Ervosas, composto de armazéns e pavilhões, inscrito na matriz sob o artigo 4 610 em nome de Irmãos Vidal, L.da.

Esposende, 18 de Dezembro de 1968

O Juiz de Direito,
Natal Querido da Costa e Silva

O Escrivão de Direito,
Manuel Cerqueira Nunes da Silva

Litoral — Ano XV — 28-12-68 — N.º 738

Rádios — Televisão
Reparações — Acessórios

A. Nunes Abreu

Reparações garantidas e aos melhores preços

Av. do Dr. L. Peixinho, 232-B - Telef. 22359
AVEIRO

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

PARA CITAÇÃO DE CREDORES DESCONHECIDOS

Proc. N.º 38-B

1.ª Secção

2.ª Publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados Domingos de Oliveira Duarte e mulher, Maria Saudade de Jesus Lopes, residentes em Verdemilho, freguesia de Aradas, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por João Francisco da Silveira, casado, porprietário, residente em Aradas, desta comarca.

Aveiro, 5 de Dezembro de 1968

O Escrivão de Direito,

António Amaro Martins dos Santos

Verifiquei:

O Juiz,

João Carlos Afonso da Rocha

Litoral — Ano XV — 28-12-68 — N.º 738

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

Proc. n.º 38-A/67

2.ª Secção — 2.º Juízo

2.ª publicação

No dia treze do próximo mês de Janeiro, pelas 14.30 horas, no Tribunal desta comarca, no processo de Execução de Sentença que Banco Fonsecas & Burnay, com sede em Lisboa, move contra Maria da Apresentação Vieira Alves, Nazaré Vieira e Maria da Conceição Vieira e marido, João Nunes Moreira, residentes a segunda em Aveiro e os restantes em São Bernardo, desta comarca de Aveiro, hão-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lanço oferecido, acima dos respectivos preços anunciados, os seguintes.

PRÉDIOS

DA EXECUTADA MARIA DA APRESENTAÇÃO VIEIRA ALVES

Primeiro

Prédio misto, sito na Estrada de São Bernardo, em Vilar, composto de casa de rés-do-chão e primeiro andar, de duas moradias, destinado a habitação e de uma terra de lavoura com árvores de fruto, que confronta do nascente com a estrada, do poente com caminho público ou servidão, do norte com Manuel Gamelas Matias e do sul com António Carlos Ferreira. Vai à praça pelo valor de Duzentos e Cinquenta e Nove Mil e Seiscentos e Sessenta Escudos.

Segundo

Terreno a pinhal e mato, sito no Chão do Meio Alto, freguesia de Esgueira, a confrontar do norte com herdeiros de João Nunes Carlos, do nascente com Teresa Marques, do sul com João Gonçalves Rei e do poente com Manuel dos Santos Carvalho Novo. Vai à praça pelo valor de Mil e Oitenta Escudos.

DOS EXECUTADOS JOÃO NUNES MOREIRA E MULHER, MARIA DA CONCEIÇÃO VIEIRA

Terceiro

Terra de lavoura e eucaliptal, sito em Castela, a confrontar do norte com António da Costa Tavares herdeiros, do nascente com rigueira, do sul com José Moreira e do poente com caminho. Vai à praça pelo valor de Treze Mil e Duzentos Escudos.

DA EXECUTADA NAZARÉ VIEIRA

Quarto

Terra de lavoura, sita em Vilar, a confrontar do norte com a mesma, do nascente e sul com rigueira e do poente com a estrada. Vai à praça pelo valor de Dois Mil Setecentos e Quarenta Escudos.

USUFRUTOS

DA EXECUTADA MARIA DA CONCEIÇÃO VIEIRA

SOBRE OS PRÉDIOS:

Quinto

Terra de lavoura e paúl, sita em São Bernardo, a confrontar do norte com Manuel Furão, do nascente com Henrique Lopes, do sul com Comissão Fabriqueira da Igreja e do poente com a estrada. Vai à praça pelo valor de Dois Mil e Quinhentos Escudos.

Sexto

Prédio de dois pavimentos, sito na Rua da Capela, em São Bernardo, a confrontar do norte com Manuel dos Santos Furão, do sul e nascente com Manuel Pedro Nolasco e do poente com a Estrada Nacional. Vai à praça pelo valor de Sete Mil e Quinhentos Escudos.

Aveiro, 12 de Dezembro de 1968

O Escrivão de Direito,

Armando Rodrigues Ferreira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Abel Pereira Delgado

Litoral — Ano XV — 28-12-68 — N.º 738

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

AVISO

2.ª Publicação

NOS TERMOS DA ALINEA A) DO ART.º 1072 DO CODIGO DE PROCESSO CIVIL

2.ª Secção — 2.º Juízo

Proc. n.º 159/68

Pela 2.ª Secção do 2.º Juízo da comarca de Aveiro, correm seus termos uns autos de ACÇÃO ESPECIAL de Reforma de Títulos, em que é autor o Ex.mo Ajudante do Procurador da República junto da comarca de Aveiro e requeridos incertos e, por este meio se pede a qualquer pessoa que esteja na posse de VINTE CINCO acções emitidas pelo Banco Regional de Aveiro, sendo vinte nominativas e cinco ao portador, não registadas, sem cotação na bolsa e com o valor nominal de cem escudos cada uma, a virem apresentá-las neste Tribunal.

ACÇÕES NOMINATIVAS

4 529/4 548 — Manuel Pedro Nolasco.

ACÇÕES AO PORTADOR NÃO REGISTADAS

3 299/3 300; 4 700; 6 376/ /6 377.

Aveiro, 13 de Dezembro de 1968

O Escrivão de Direito,

Armando Rodrigues Ferreira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Abel Pereira Delgado

Litoral — Ano XV — 28-12-68 — N.º 738

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que pela 2.ª Secção do 1.º Juízo de Direito da comarca de Aveiro, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados Manuel de Arede Tavares e mulher, Magna Soares de Oliveira, esta doméstica e aquele comerciante, moradores em Rio Covo, da freguesia e comarca de Águeda, para, no prazo de 10 dias, posterior aos dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos na execução hipotecária que o exequente João Lourenço Vieira, casado, proprietário, morador em Sobreiro—Bustos, da comarca de Anadia, move contra os mencionados executados, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 14 de Dezembro de 1968

O Escrivão de Direito,

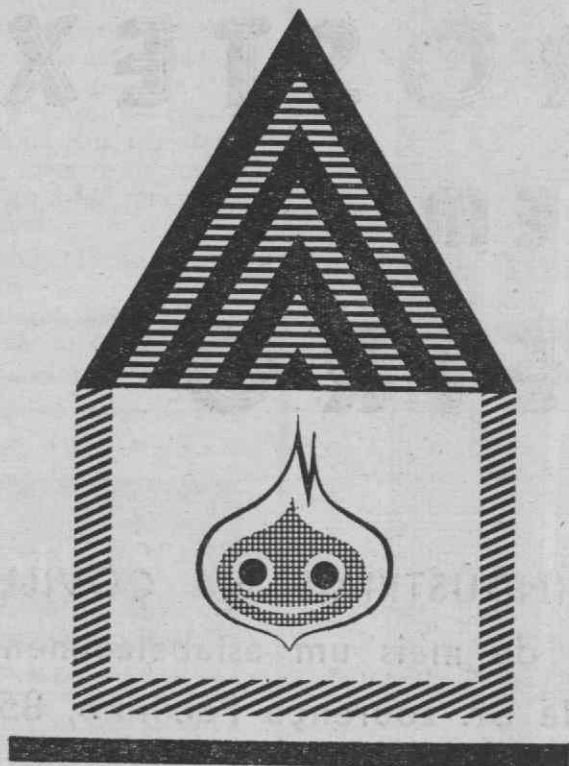
Alcides Viriato Sequeira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

João Carlos Afonso da Rocha

Litoral — Ano XV — 28-12-68 — N.º 738

DO DIA 1 DE DEZEMBRO
****
AO DIA 15 DE JANEIRO

Agente em AVEIRO
SOC. REPRESENTAÇÕES ANDISA, LDA.
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 130 — Tel. 24018/19

Juízo das Execuções Fiscais Administrativas do Concelho de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pelo Juízo das Execuções Fiscais Administrativas do Concelho de Aveiro e nos autos de execução fiscal, em que é exequente a Câmara Municipal de Aveiro e executado João Gonçalves de Magalhães, residente na Rua Vicente de Almeida de Eça, em Esgueira, vai à praça, pela primeira vez, no dia onze de Fevereiro próximo, pelas dez horas, à porta do Edifício da Câmara Municipal: uma máquina de calcular eléctrica, de cor cinzenta, marca UNDERWOOD SUNDSTRAND, com o número de fabrico 995 548, modelo 10 120 P; uma balança AVERY, de força de 15 Kg., com a característica A-920/13 756-1.

Ficam a cargo do arrematante as despesas da praça.

Aveiro, 10 de Dezembro de 1968

O Escrivão,
José de Pinho das Neves

O Juiz,
Dário da Silva Ladeira

Litoral — Ano XV — 28-12-68 — N.º 738

Rapaz

— com 14/15 anos.
Falar na Casa do Café, Rua do Gravito — Aveiro.

Branco

FIOS PARA TRICOTAR

CASA BRANCO

ao n.º 40 da Rua de José Estêvão

AVEIRO

A construção moderna exige parquetes de qualidade. . . .

...parquetes IMPAR
beleza e conforto

Agente em Aveiro e Concelhos limítrofes:
REPRESENTAÇÕES FERANA *de FERNANDO VIANA*
Rua de José Rabumba, 3 — Telef. 24694 — **AVEIRO**

as outras linhas aéreas também têm pessoal a falar imensas linguas...

...mas de Lisboa ao Canadá só a
CANADIAN PACIFIC
fala português aos portugueses

CIESA-NCK

. . . A bordo. E em terra, à chegada.
Por isso, os Portugueses preferem a Canadian Pacific — a única companhia com voos directos de Lisboa e Santa Maria para as principais cidades do Canadá através deste novo e excitante pais.
E do Canadá para o México, para toda a América do Sul, Oriente e Sul do Pacífico.
Preços especiais para grupos familiares.
Voos todos realizados nos gigantescos Jactos Super DC-8.
E para grandes aviões — grandes pilotos.
Pilotos com milhares de horas de voo.
E para passageiros como você — as magníficas refeições na boa tradição Canadian.

Consulte a:
CPA
CANADIAN PACIFIC AIRLINES
LISBOA — Av. da Liberdade, 261 — Telefs. 55 61 92/3/4
AÇORES — Ponta Delgada — Av. Infante D. Henrique Telef. 2 27 22

Queiram enviar-me informações sobre os vossos voos para o Canadá:
Nome: ____________
Morada: ____________
Cidade: ____________

Continuações

Pavilhão, para quando?

outros. É sempre assim em tudo na vida e não só no Desporto.

No regresso, meditámos sobre os inconvenientes da prática da modalidade em tais condições e da má propaganda que este conjunto de inconvenientes traz ao Desporto na nossa cidade.

É que não só a prática da modalidade em tais circunstâncias não se coaduna com os sãos princípios que servem de base ao desporto, como também o necessário fomento da actividade desportiva, que tão apregoado é em certas ocasiões, é altamente prejudicado, como prova a fraquíssima projecção que Aveiro tem no Desporto Nacional.

O que custa é que tudo se resolveria fàcilmente. Bastava só que o Pavilhão Gimnodesportivo erguido no recinto do Liceu Nacional já estivesse ao serviço do Desporto da cidade, para que, agrupando os dois jogos, uma só jornada, se tivesse dado a todos melhores condições.

Mas não. O misterioso pavilhão continua por inaugurar, embora se tivesse ouvido dizer que abriria as suas portas em Outubro.

Muitos boatos correm acerca dele. Que quando estiver ao serviço, o seu aluguer será de 150$00 ou de 300$00 à hora, que só será utilizado pelos desportos escolares e organismos da FNAT, etc., etc. De concreto e oficial, nada.

O aveirense, sempre tão vaidoso da sua bela cidade, do seu arreigado e indesmentido amor à Liberdade e à Justiça, de ser natural da terra que foi berço do grande tribuno José Estêvão, e agora até da sua posição de pioneiro de encerramento do comércio ao sábado à tarde durante todo o ano, posição discutível e pomo de discórdia entre muitos, fica impávido e indiferente, comodista e paradoxalmente inactivo, ao atrazo da sua juventude, no que concerne ao Desporto, em relação à grande maioria das outras cidades do país, algumas bem mais pequenas e importantes, mas que não desprezam o desporto como escola de virtudes da sua juventude na certeza de que um corpo são numa mente sã, serão factores importantes para a formação dos homens de amanhã a quem a Nação recorrerá. Algumas dessas cidades já têm há muito os seus pavilhões desportivos.

Por que será que Aveiro não as iguala neste ponto? Por que não se inaugura o Pavilhão da cidade? Não está ainda pronto? Porquê e quem foram os responsáveis?

Insistimos. De concreto e oficialmente nada se sabe. Porquê? Por que é que este momentoso assunto não é versado nos jornais locais? Não será de interesse para a cidade?

Não compreendemos. No momento em que os órgãos informativos foram reconhecidos como de grande utilidade na aproximação entre dirigentes e dirigidos, parece-nos que neste caso o silêncio está longe de ser de ouro, pelos inconvenientes apontados.

Será que estamos errados?

EDUARDO DIAS PEREIRA

Panorama basquetebolístico

— é que medramos em qualidades técnicas.

Em que ficamos?

Estas manias proteccionistas, impostas à custa de gerais sacrifícios da própria modalidade, é um mal estarrecedor.

Não vamos lá, assim. Nunca mais! Há que dar novas ideias aos idealistas da causa. Tira-lhes a mania de que não podem ser «donos da verdade». Fazer-lhes sentir que o «interesse desportivo» é de todo o País e que é, em princípio, da quantidade que se selecciona a qualidade.

Gritar-lhes que o Basquetebol não é uma modalidade para «eleitos». Que é uma modalidade para todos, para que, dos melhores «desses todos» se apure, quando for altura disso, o escol que nos dê prestígio, através de uma classe bem estruturada.

O que nos irá dar a experiência dos «oito» que, por mágicas artes, passaram a «dez» sem Aveiro?

C. D.

Basquetebol

pela última vez (44-31); e daí em diante só os esgueirenses marcaram...

Tal, porém, não bastou para evitar a derrota. A equipa do Esgueira foi manifestamente infeliz, mesmo sobre a hora, perdendo ensejos de chegar ao menos à igualdade...

Arbitragem de sabor caseiro do único árbitro presente: lamentável que para jogo de tanto interesse não aparecesse uma «dupla».

Sangalhos, 29
Galitos, 40

Jogo no Campo do Colégio, em Sangalhos, sob arbitragem dos srs. Raul Gonçalves e Manuel Gonçalves. Alinharam e marcaram:

Sangalhos — Oliveira 0-2, Alberto, Calvo 4-0, Maia 2-1, Eugénio 4-4, Vítor 5-3, Armando, Cabral, Capela 2-0 e Barros 2-0.

Galitos — Robalo 2-0, Vítor 2-8, Leitão 2-4, José Luís Pinho 5-8, Cotrim 4-2 e Antunes 0-3.

1.ª parte: 19-15. 2.ª parte: 10-25.

Partida sempre nivelada, em que os bairradinos comandaram mais vezes, até ao intervalo. Após o reatamento, os alvi-rubros estiveram sempre na situação de vencedores, atingindo os derradeiros cinco minutos com a marca em 25-33.

Arbitragem aceitável.

JUNIORES

Resultados da 13.ª jornada:

ESGUEIRA — GALITOS . . . 31-23
SANJOANEN. — SANGALHOS adiado

Jogos para amanhã:

SANGALHOS — ILLIABUM
BEIRA-MAR — SANJOANENSE

JUVENIS

Resultados da 13.ª jornada:

ESGUEIRA — GALITOS . . . 20-36
ILLIABUM — AMONIACO . . 37-35
SANJOANEN. — SANGALHOS adiado

Jogos para amanhã:

AMONIACO — ESGUEIRA
SANGALHOS — ILLIABUM
BEIRA-MAR — SANJOANENSE

Beira-Mar — Gouveia

logo se impôs e fez valer os seus melhores créditos, ganhando jus ao expressivo triunfo que obteve — e até poderia ser mais dilatado, não fora a exibição do guarda-redes Dias e o facto do 5-0 ter surgido cedo demais (antes dos primeiros dez minutos do segundo tempo), originando certo desinteresse entre os jogadores.

Esse estado de espírito permitiu, sem dúvida, que os forasteiros recobrassem alento e rectificassem posições, na defensiva, e daí partissem, em contra-ataques, para a procura do seu ponto de honra. Animosos e irrequietos, mas incipientes, e, na realidade, muito inferiores à turma local, os serranos tiveram hipóteses de golo, em lances de Nartanga (55 e 70 m.), proporcionando intervenções de mérito a Paulo, e de Júlio (76 e 86 m.), que rematou ao lado, uma vez, e à figura e frouxamente, noutra ocasião.

Todavia, para contrapor a estes ensejos, podíamos mencionar também longa série de oportunidades desaproveitadas pelos futebolistas do Beira-Mar, sempre mais perigosos e mais ameaçadores. Diga-se até que, aos 83 m., Almeida alcançou mais um golo, que o árbitro não homologou, julgamos que erradamente...

Resumindo: vitória incontroversa da melhor equipa, ante réplica animosa do Gouveia, um vencido digno, que justificava o golo de honra. Mas, em Aveiro, ainda nenhum forasteiro logrou golear, na decorrente época — e a tradição manteve-se...

Entre os locais, os jogadores mais salientes foram Abdul, Colorado, Amaral Chaves e Almeida. Nota positiva, igualmente, para Marçal, Bernardino e Cleo (bom na metade inicial). Sousa e Marques, cumpridores, mas aquém do rendimento habitual, tal como Paulo. Joca não deu aso a que dele se possa falar, pois só actuou breves minutos.

No Desportivo de Gouveia, evidenciaram-se o guarda-redes Dias, uns furos acima dos colegas, Carlos Franco, Nartanga e Diamantino. Em seguida, os mais úteis foram Maçarico, Amaral e Amilcar. Discretos, embora lutadores, Nogueira (rude em demasia), Pestana, Júlio e Cardoso. O segundo guarda-redes (Ferreira) teve actuação sóbria e segura — mas foi pouco importunado...

Arbitragem discreta e insegura: o categorizado árbitro internacional Joaquim Campos, mal auxiliado, não esteve à altura dos seus créditos, produzindo trabalho com muitas deficiências num jogo sem problemas.

Sumário Distrital

(40-3), 25 pontos. 2.º — Oliveirense (26-5), 23. 3.º — Arrifanense (17-26), 19. 4.º — Bustelo (19-17), 18. 5.ºs — Valecambrense (13-30) e Cucujães (5-39), 11.

ZONA C — 1.ºs — Beira-Mar (30-7), Ovarense (16-6) e Alba (17-14), 22 pontos. 4.º — Avanca (10-14), 16. 5.ºs — Vista-Alegre (7-19) e Estarreja (3-23), 13.

ZONA D — 1.º — Recreio de Águeda (46-5), 24 pontos. 2.º — Valonguense (20-12), 21. 3.º — Pampilhosa (12-19), 19. 4.º — Oliveira do Bairro (12-22), 17. 5.º — Anadia (8-14), 15. 6.º — Mealhada (7-33), 12.

JUVENIS

Resultados da 10.ª jornada:

ZONA A

Bustelo — Lusitânia 0-0
Feirense — S. Roque 6-0
Arrifanense — Oliveirense . . . 0-1
Ovarense — Cucujães 3-1
Espinho — Sanjoanense 1-4

ZONA B

Pampilhosa — Beira-Mar 1-1
Alba — Avanca 3-0
Estarreja — Vista-Alegre 0-1
Anadia — Gafanha 3-1
Recreio — Mealhada 1-0

Classificações:

ZONA A — 1.º — Feirense (34-4), 29 pontos. 2.º — Sanjoanense (35-6), 26. 3.º — Cucujães (16-11), 23. 4.º—Ovarense (16-15), 21. 5.º — Lusitânia (12-17), 20. 6.º — Bustelo (8-14), 19. 7.º — Oliveirense (8-23), 18. 8.º — Arrifanense (10-15), 16 9.ºs — Espinho (6-22) e S. Roque (7-25), 15

ZONA B — 1.º — Alba (24-7), 28 pontos. 2.º — Recreio de Águeda (13-9), 24. 3.º — Avanca (17-10), 23. 4.º — Beira-Mar (15-13), 21. 5.ºs — Anadia (19-15), Pampilhosa (17-17) e Vista-Alegre (12-13), 20. 8.º — Mealhada (5-16), 16. 9.ºs — Gafanha (14-25) e Estarreja (7-18), 14.

Xadrez de Notícias

assunto e, fazendo a justiça que se reclama, marque para os recintos habituais dos dois clubes citadinos os desafios em causa, ficando sem efeito o calendário que pretendia impor, sem qualquer consulta prévia a qualquer das colectividades aveirenses.

O Campeonato Distrital da II Divisão da A. F. de Aveiro terá a presença de sete equipas — Pampilhosa, Macinhatense, Avanca, Mealhada, Vista-Alegre, Ginásio de Arouca e S. Roque. A prova terá início em 2 de Fevereiro.

Após os testes escritos (primeira fase dos exames para atribuição de categoria, promovidos pela Comissão Central de Juízes de Basquetebol), encontram-se com classificação positiva os árbitros aveirenses Manuel Bastos da Madalena e Albano Baptista de Sousa; e, com classificação negativa, os árbitros Carlos Neiva, Manuel Gonçalves Pereira, Valdemar Vinagre e Aureliano Silva e os oficiais de mesa Belmiro Pinho, Álvaro Ramalho, Carlos Craveiro e Armando Santos — da Comissão de Aveiro.

Na sexta jornada do Campeonato Corporativo de Futebol da Delegação de Aveiro da F. N. A. T., registaram-se estes resultados:

Zona Norte — Oliva, 0 — Corfi, 3. Molaflex, 0 — Lamas, 3. Estaleiros S. Jacinto, 2 — Paula Dias, 1. Zona Sul — Mogofores, 3 — Sachs, 0. Celulose, 2 — Luso, 5.

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 18 DO «TOTOBOLA»

5 de Janeiro de 1969

N.º	CLUBES	1	x	2
1	U. Tomar — Belenenses		x	
2	Porto — Setúbal	1		
3	Académica — Sanjoan.	1		
4	C. U. F. — Leixões	1		
5	Guimarães — Varzim	1		
6	Espinho — A. Viseu	1		
7	Leça — Famalicão	1		
8	Tirsense — Beira-Mar			2
9	Valecamb. — Salgueir-			2
10	Tramagal — T. Novas	1		
11	Sintrense — Barreirense	1		
12	Luso — Lusitano	1		
13	Sesimbra — Montijo	1		

Ministério da Economia

Secretaria de Estado da Indústria

Direcção-Geral dos Combustíveis

Eu, ARTUR MESQUITA, Engenheiro-Chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis faço saber que a SACOR — SOCIEDADE ANÓNIMA CONCESSIONÁRIA DA REFINAÇÃO DE PETRÓLEOS EM PORTUGAL, SARL, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gasóleo, com a capacidade aproximada de 16 000 litros, sita na Rua Dr. Frederico Cerveira, freguesia e concelho de Ílhavo, distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do decreto n.º 36 270 de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Delegação, sita na Rua do Padre Cruz, n.º 62, no Porto.

Porto, 4 de Dezembro de 1968

O Engenheiro-Chefe da Delegação,

Artur Mesquita

Litoral — Ano XV — 28-12-68 — N.º 738

Secção dirigida pelo DR. HUMBERTO LEITÃO

EFEMÉRIDES AVEIRENSES — DEZEMBRO

Dia 7 — 1852 — *José Estêvão publica na «Revolução de Setembro» uma eloquente carta política aos eleitores do círculo de Lisboa, que ocupa quinze colunas daquele jornal, e que termina com a seguinte nota:* Escrita em Aveiro nos fins de Outubro de 1852.

Dia 8 — 1477 — *João de Albuquerque, fidalgo ilustre e um dos batalhadores de Aljubarrota e Ceuta, faz doação ao convento de Nossa Senhora da Misericórdia (S. Domingos) da sua quinta de Canelas. Os frades, gratos a este e outros benefícios, deram-lhe honrada sepultura na capela de Jesus.*

Dia 11 — 1519 — *El-rei D. Manuel concede Compromisso especial à Santa Casa da Misericórdia de Aveiro.*

Dia 12 — 1815 — *Faz-se o primeiro enterramento no cemitério público desta cidade; foi o do cadáver de Francisco de Almeida, carpinteiro, morador na rua do Espírito Santo.*

Dia 14 — 1834 — *Nasce no antigo solar da Oliveirinha o prestigioso chefe do partido progressista, conselheiro José Luciano de Castro.*

1857 — *José Estêvão pronuncia, na Câmara dos Deputados, o seu notabilíssimo discurso sobre a questão «Charles et George».*

1861 — *Solenes exéquias na igreja da Misericórdia, por alma de el-rei D. Pedro, a expensas do município. Pregou o cónego Alves Mateus.*

Dia 15 — 1699 — *Por uma provisão do Desembargo do Paço, é concedido à Misericórdia de Aveiro que seja seu juiz privativo o provedor da Comarca de Esgueira.*

Dia 16 — 1861 — *Grande reunião nos Paços do Concelho para se tratar da abertura de um canal que ligasse o caminho de ferro com a ria.*

Dia 17 — 1849 — *Morre nesta cidade João Agostinho de Barbosa Bacelar Rangel, senhor da Casa do Carril.*

Dia 24 — 1734 — *Toma o hábito de religiosa no recolhimento de S. Bernardino, nesta cidade, D. Josefa Maria de Castro, mulher do dr. Brás Luís de Abreu, o celebrado* Olho de Vidro.

Dia 25 — 1893 — *Morre em Lisboa o médico da real câmara e ilustre filho de Aveiro, dr. Artur Ravara.*

Dia 26 — 1809 — *Nasce o grande tribuno José Estêvão Coelho de Magalhães.*

Dia 27 — 1873 — *Importante reunião nos Paços do Concelho para se representar ao governo pedindo remédio pronto para a barra, então quase obstruída pelas areias.*

Dia 30 — 1855 — *Imponente solenidade religiosa na igreja de Nossa Senhora da Glória, por haver cessado a epidemia de cólera-morbus. Pregou o lente de teologia da Universidade de Coimbra, dr. Rodrigues de Azevedo.*

EM CACIA

JUSTA EVOCAÇÃO

NA FÁBRICA DA COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

É do seguinte teor a legenda da placa descerrada no dia 19 do corrente: «NO MOMENTO EM QUE O INICIO DA NOVA LINHA DE AMPLIAÇÃO DESTA FÁBRICA SE REVESTE DO MAIS ALTO SIGNIFICADO PARA A VIDA DA COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE EVOCA-SE SAUDOSAMENTE A MEMÓRIA DO ADMINISTRADOR ENGENHEIRO MANUEL SANTOS MENDONÇA, FALECIDO EM 1966, QUE FOI UM DOS FUNDADORES E UM DOS SEUS MAIS ENTUSIASTICOS IMPULSIONADORES».

FOI ao começo da tarde da penúltima quinta-feira, em lugar bem visivel do átrio do edifício nobre da *Celulose*, em Cacia: na presença dos componentes do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal da importantíssima empresa e, ainda, de distintos convidados, a sr.ª D. Maud Santos Mendonça, viúva do homenageado, descerrou a lápide com a efígie de seu marido, primoroso trabalho de Martins Correia.

Foi de emoção o momento que se seguiu. Depois, o sr. Eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho disse, a respeito do preiteado: «A sua recordação mantém-se bem viva e indissolùvelmente ligada aos progressos da Companhia a que ele votou durante tantos anos o seu entusiasmo, a sua actividade, a sua capacidade criadora, a sua confiança no êxito do empreendimento, tudo enfim que fosse susceptível de concorrer para o fazer progredir, o que ainda lhe foi dado apreciar no decurso da primeira fase de actividades da Companhia a que pôde assistir. Vai ela entrar agora numa segunda fase /.../»; e «não é difícil imaginar quão grande e profunda seria a satisfação que tal circunstância teria proporcionado ao Eng.º Santos Mendonça, se lhe fosse dado verificar a sua realidade. Na impossibilidade, criada pelo seu infausto desaparecimento do nosso convívio, pareceu ao Conselho de Administração da Companhia que a melhor e mais significativa manifestação da sua maneira de sentir para com o Eng.º Santos Mendonça consistiria em prestar esta tão singela homenagem à sua memória». E o Administrador da *Celulose* concluiu com uma exortação aos colaboradores ali presentes, «no sentido de que nas suas tarefas profissionais se inspirem sempre nos exemplos que o Eng.º Santos Mendonça nos legou /.../».

Visivelmente comovido, o filho do homenageado, sr. António Taylor Santos Mendonça, agradeceu o preito e as palavras proferidas, em nome da família, ali representada ainda, entre outros distintos parentes, pelos srs Manuel Queiroz Pereira e Francisco Santos Mendonça: «Parece-nos — disse — que esta homenagem é de si bem clara e justa, ao pioneiro desta grandiosa obra, que tanta gente acomoda e que é de primordial importância na vida e para a economia do nosso país».

Pouco depois da cerimónia evocativa, foi servido, no vasto refeitório da empresa, um almoço, a que presidiu o sr. Eng.º Rodrigues de Carvalho. Registámos então a presença de algumas outras destacadas personalidades que assistiram à homenagem, entre elas, os srs. Eng.ºs Vasco de Azevedo e José Maria de Avillez e Drs. Joaquim Pedro Rasteiro, Mário Roseira e António Ferreira de Almeida — do Conselho de Administração, Eng.º José Luís Calheiros, Comandante Thomaz de Mello Breyner e Drs. Jerónimo Túlio, Alberto Magalhães de Barros e José Dinis da Mota Veiga — do Conselho Fiscal; Dr. Torres de Carvalho e Afonso Costa Marques; da *Socel*, os srs. Eng.ºs Marques de Sousa, Mercier Marques e Centieiro Marques, o sr. Capitão Vasconcelos Esteves e os srs. Eugénio Furtado e José Telles; chefes de serviço e outros funcionários superiores da *Celulose*; e numerosas senhoras.

Aos brindes, usou da palavra, em primeiro lugar, o Presidente do Conselho de Administração, sr. Eng.º Rodrigues de Carvalho: disse que aquele convívio era propício ensejo para comemorar a entrada da Companhia numa fase nova; e, passando às grandes transformações operadas ou ultimadas, no domínio fabril, no decurso deste ano, prestes a terminar, ocupou-se da nova linha de produção de pastas, onde tem

Continua na página cinco

Tomou posse o novo VICE-GOVERNADOR

«NÓS, OS AVEIRENSES ENTALADOS NO LITORAL PELAS SERRANIAS QUE NOS CERCAM, HABITUAMO-NOS, DESDE MENINOS, A PREFERIR OLHAR O INFINITO DO MAR; E É NA SUA MAJESTADE, CATIVANTE OU TEMEROSA, APARENTEMENTE DÓCIL OU SELVATICA /.../ QUE ENCONTRAMOS A FONTE OU ESTIMULO DA NOSSA CORAGEM E DA NOSSA HUMILDADE, O TEMPERO DO NOSSO CARACTER. É DENTRO DO REALISMO DESTAS COORDENADAS QUE DESEJARIA QUE FOSSE ENCARADA A MINHA ACTUAL SITUAÇÃO» — disse, no acto de posse o novo Governador Civil substituto.

NO salão nobre do Governo Civil, sob presidência do Chefe do Distrito e perante numerosa assistência de pessoas de todas as categorias sociais, realizou-se no último sábado, conforme aqui anunciáramos, a solene investidura do sr. Eng.º-Agrónomo Manuel Simões Pontes no cargo de Governador substituto, para que fora recentemente nomeado. Particularmente vultoso era o número de personalidades ligadas aos problemas da lavoura.

O sr. Dr. Francisco José Rodrigues do Vale Guimarães pôs crepes nas suas palavras liminares: estava ali preso da profunda emoção, que era a emoção da cidade inteira, pelas mortes recentíssimas dum jovem e promissor aveirense e dum aveirense operosíssimo — o Alferes Piloto-Aviador Manuel António Salgueiro Lopes e o dinâmico e prestigiado armador Baltasar da Rocha Vilarinho. A ambos o Chefe do Distrito prestou ali comovida homenagem. Mas importava ali recalcar a mágoa para voltar os olhos para a vida; e a vida do distrito tem-se animado de inusitadas seivas, culturalmente e econòmicamente — e, assim, se justificaria que a colaboração ao Governador Civil, transcendendo a qualificação legal, fosse, não de um substituto, mas de um Adjunto ou Vice-Governador. Certo estava, porém, de que o Eng.º Simões Pontes, será, na hora que decorre, que é renovação na continuidade, o desdobramento do Chefe do Distrito; e o complemento mais ajustado nestas terras aveirenses, que são essencialmente agrícolas, não obstante o espantoso surto de industrialização que as vão tornando tão meritórias no concerto da economia nacional. Homem vertical, lealíssimo, com exemplos na sua vida de dádiva sem condições, na profissão e na benemerência, o Eng.º Pontes é, também, um agrónomo competente: o binómio lavoura aveirense e homem à altura de servi-la, esteve em mente na escolha do Eng.º Simões Pontes para as funções a que foi agora chamado.

Falaram seguidamente os srs. Dr. Fernando Moreira e prof. Américo Urbano; o primeiro re-

Continua na página cinco

INVALIDEZ *palavra a redimir pelo* TRABALHO

Continuação da primeira página

dial. Em Portugal, números não oficiais elucidam que devem orçar pelos 70 000 os indivíduos de diversos tipos de invalidez (por motivos de guerra, de acidente no trabalho ou de enfermidades congénitas). Sendo assim, não poderia deixar de se acompanhar, aqui, o movimento de reabilitação que outros países nos ensinaram e que muitos suporiam imposto, apenas, pelos casos de vítimas das acções militares na defesa da nossa soberania.

Em boa hora, pois, o Ministro instituiu o Serviço de Reabilitação Profissional, onde já foram preparadas algumas dezenas de novos técnicos, para ocorrerem às necessidades, cada vez maiores, de mão-de-obra nacional. Desenhadores de construção civil, contabilistas, dactilógrafos, mecânicos de máquinas de dactilografia e de precisão e tipógrafos são exercitados, com o maior rigor, naquele novo serviço, mercê da conjugação de esforços de um amplo dispositivo, com base em quadros especializados, nomeadamente nos campos da fisiatria, fisoterapia, terapêutica ocupacional, psicotecnia, biometria profissional, engenharia protésica.

Dos Serviços de Reabilitação Profissional, na Venda Nova, saem profissionais habilitados a colaborarem, eficazmente, em diversos sectores económicos nacionais. Eles estão, *todos*, mentalizados para a sua função. E os comerciantes e industriais? Estarão estes mentalizados para receberem nos estabelecimentos estes competentes técnicos que lhes são oferecidos? O Prof. Gonçalves de Proença manifestou esperança de que assim aconteça, quando afirmou: «Não se ignora que, durante algum tempo, poderá haver certa dificuldade na colocação de diminuídos físicos; a propósito, no entanto, recorda-se que as necessidades de mão-de-obra especializada estão a aumentar, de dia para dia /.../»

Pode o leitor ser dos primeiros a beneficiar da vantagem de ter ao seu serviço um destes especialistas. Para informações: o Serviço de Reabilitação Profissional: Av. do Almirante Reis, n.º 106-3.º, em Lisboa.